

SANTIDADE –

A FALSA E A VERDADEIRA

H. A. Ironside

Tradução: R.J.A.

PARTE 1 – AUTOBIOGRÁFICA

Prefácio

Durante mais de doze anos, tenho estado considerando se seria aconselhável escrever o conteúdo das páginas que seguem. Por muito tempo, achei que não era oportuno fazê-lo; entretanto, creio que agora há boas razões para enfrentar tal tarefa.

As duas principais razões que até aqui me impediram de escrever tais coisas foram:

1) Muito do que aqui está escrito representa um caudal de experiência pessoal. Isto desagrade a muitos e a ninguém mais do que a mim. Mas recentemente tenho ficado impressionado com as muitas ocasiões em que o apóstolo Paulo usa sua própria experiência pessoal como uma advertência e uma lição para aqueles que pudessem estar confiando na carne.

Isto me persuadiu a contar meus próprios esforços para alcançar a perfeição, seguindo o chamado “ensino da santidade”. Certamente, ninguém me pode acusar de estar gloriando-me a mim mesmo. Minha experiência é muito humilhante a este respeito para fazer tal coisa. Tampouco procuro a mórbida satisfação de contar meus fracassos em detalhes.

Para contar ao leitor meus erros passados e meu bem-aventurado presente não me apoio somente no exemplo apostólico, mas também no livro de Eclesiastes, o qual é um relato que pretende a mesma finalidade, pois foi escrito para que outros possam escapar da angústia e do desengano que resulta em percorrer o mesmo desalentador caminho.

2) Porque é difícil escrever um relato como este sem que haja uma crítica implícita à organização à qual pertenci, tanto em relação a seus métodos quanto às suas doutrinas. Insisto em que não me propus tal crítica.

Sinto a maior simpatia pela grande obra que se está realizando entre a malandragem das grandes cidades de todo o mundo por estes

abnegados obreiros e não estou escrevendo uma só palavra que possa servir de obstáculo àqueles farrapos humanos que procuram a salvação e desejam uma boa conduta social. Só lamento que aos convertidos não se lhes ofereça um Evangelho mais claro primeiro e mais instrução bíblica depois.

Muitos dos meus antigos “companheiros” ainda estão esforçando-se, tal como eu antigamente, naquilo que acham ser um “Exército” estabelecido e dirigido por Deus, cujo ensino eles creem estar inteiramente de conformidade com as Escrituras.

Eu bem sei que este relato causará tristeza em alguns deles. Com muito prazer, eu lhes evitaria tal desgosto, se pudesse. Mas quando penso nos milhares de pessoas que anualmente ficam desanimadas e desencorajadas por meio de seu ensino; quando penso que centenas são arrastadas às garras da infelicidade por meio do desmoronamento do seu vão esforço por alcançar o inatingível; que vintenas de pessoas têm perdido suas faculdades mentais, estando atualmente internadas em hospitais psiquiátricos, devido à tortura e à angústia mentais resultantes de uma decepção sentida na busca da santidade, não creio que razões de ordem sentimental devam-me deixar de apresentar a verdade, na esperança que, sob a bênção de Deus, ela possa levar muitos a encontrar no próprio Cristo aquela santificação que jamais poderão encontrar em outra parte, assim como em Sua cruz aquela manifestação do amor perfeito, que muitos estão procurando em suas próprias vidas e corações.

Portanto, entrego ao público estas páginas com a oração de que tanto a parte da minha experiência pessoal quanto a doutrinal sirvam de ajuda a muitos e não seja obstáculo a ninguém.

Ao recomendá-las à inteligência espiritual do leitor, desejo pedir-lhe com todo o fervor que “examine tudo e retenha o que é bom”.

oOo

MINHA CONVERSÃO A DEUS

É meu desejo, com a ajuda do Senhor, escrever um relato fiel, até onde a minha memória o permita, de algumas das maneiras como Deus lidou com minha alma e meus empenhos à procura da experiência de santidade durante os seis primeiros anos de minha vida cristã, antes de conhecer a bem-aventurança de possuir **tudo** em Cristo.

Sem dúvida, algumas vezes é necessário “falar como um néscio”, no dizer do apóstolo Paulo, mas, reconhecendo a necessidade de tal relato, creio que posso dizer com ele: “estou constrangido”.

Se desta maneira posso desfrutar do privilégio de livrar alguns das desagradáveis experiências pelas quais eu mesmo passei naqueles primeiros dias de minha experiência cristã, me sentirei plenamente recompensado pelo esforço realizado a fim de levar estas lutas do meu coração à consideração dos meus leitores.

Desde bem jovem, Deus começou a falar-me através da Sua Palavra. Não posso lembrar-me da primeira vez em que experimentei a realidade das coisas eternas.

Perdi meu pai antes que a imagem de suas feições ficasse gravada em minha mente infantil; no entanto, nunca ouvi falar dele a não ser como de um homem de Deus. Ele era conhecido na cidade de Toronto, onde eu nasci, como “o homem da eternidade”. Sua Bíblia marcada em muitos lugares foi uma preciosa herança para mim e nela aprendi a recitar meu primeiro versículo quando eu tinha quatro anos.

Posso lembrar com toda a clareza ter aprendido as palavras de Lucas 19.10: “O Filho o Homem veio buscar e salvar o perdido”. Que eu estava perdido e que Cristo veio salvar-me foram as primeiras verdades divinas a serem impressas em minha mente.

Minha mãe viúva foi uma entre mil. Lembro-me de tê-la ouvido, comovido, quando ela orava, ambos ajoelhados: “Pai, concede que meu filho tenha somente a ambição de viver para Ti. Faze que ele seja salvo bem jovem e que seja um incansável pregador ao ar livre como o foi seu pai. Que sofra por Cristo prazerosamente, que voluntariamente enfrente a perseguição e que dê a as costas ao mundo que recusou Teu Filho. Guarda-o de tudo aquilo que possa desonrar-Te”.

As palavras nem sempre eram as mesmas, mas o sentido desta oração sim e a escutei muitas vezes.

Meu lar frequentemente era visitado por servos de Cristo, que me parecia trazerem consigo a atmosfera de eternidade. Entretanto, para mim representavam o veneno de minha infância. Quando algum deles me perguntava: “Henrique, você já nasceu de novo?” ou “Tem certeza da salvação de sua alma?” quase sempre eu parava a pensar, mas não sabia dar a resposta.

Nós mudamos para a Califórnia antes de eu ter a certeza de ser um filho de Deus. Na cidade de Los Angeles começaram minhas primeiras inquietudes mundanas e eu ficava impaciente com as restrições que sofria. Assim mesmo, eu estava constantemente preocupado com o grande problema de minha salvação.

Tinha apenas doze anos de idade quando comecei a cooperar numa Escola Bíblica, ajudando as crianças da vizinhança a adquirirem um conhecimento do Livro que eu já tinha lido dez vezes, embora tais leituras ainda não me tivessem produzido a segurança da salvação.

Paulo escreveu a Timóteo: “Desde a infância sabes as sagradas letras que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus” (2 Timóteo 3.15). Este finzinho é o que me fazia falta.

Eu **sempre** tinha crido a meu jeito, mas assim mesmo não me atrevia a afirmar que era salvo. Sempre tinha crido **acerca** de Cristo. Mas não cria nEle como **meu** Salvador pessoal.

Entre estas duas crenças está toda a diferença que existe entre estar salvo e estar perdido, entre uma eternidade no céu e tempos sem fim no Lago de Fogo.

Como já disse, não me faltavam preocupações quanto à sorte de minha alma; ainda que ansiava desfrutar a vida e era culpado de muita impiedade, sentia sempre uma mão protetora pousada em mim, impedindo-me de fazer muitas coisas que, se não fosse por esta mão, teria feito. Nesta época, minha vida era caracterizada por uma certa religiosidade. Mas religião não é salvação.

Estava prestes a completar catorze anos quando, certo dia, ao voltar da Escola fiquei sabendo que um servo do Senhor procedente do Canadá, conhecido meu, estava de visita na minha cidade com a finalidade de realizar algumas reuniões.

Antes de vê-lo, já imaginava com que alegria ele me cumprimentaria. Tinha a seu respeito a lembrança de suas indagadoras perguntas quando eu era menor.

Por isso, não fiquei surpreso quando ele exclamou: “Bem, Henrique, alegre-me vê-lo! Ainda não nasceu de novo?!” Baixei a cabeça e não tive palavras para responder-lhe. Um tio meu, que estava presente, disse: “Sabe, Sr. M..., que ele já está começado a pregar e que dirige uma Escola Dominical?”.

“Muito bem”, foi a resposta. “Quer trazer sua Bíblia, Henrique?”.

Alegrei-me em poder sair daquele salão e fui buscar minha Bíblia. Ao regressar, depois de demorar um pouco para me refazer do choque emocional daquele encontro, ele me disse, bondosamente, mas seriamente: “Você quer ler em Romanos capítulo 3 e versículo 19? Leia em voz alta”.

Eu li bem devagar: “Sabemos que tudo o que a lei diz aos que vivem na lei o diz, para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus”. Eu compreendia estas palavras e não tive o que dizer. O evangelista continuou dizendo-me que, em outros tempos, ele tinha sido um pecador religioso até que Deus tampou sua boca e então lhe mostrou a Cristo. Me fez sentir de maneira impressionante a importância de chegar a este ponto antes de ensinar aos outros.

Suas palavras fizeram efeito. Desde este momento até eu ter a certeza que era salvo, evitei falar destas coisas e deixei de trabalhar na Escola Bíblica. Mas então Satanás, que tinha estado procurando a

destruição da minha alma, me sugeriu o seguinte: “Se você é um pecador perdido e incapaz de falar aos outros sobre religião, por que não desfrutar de tudo o que o mundo oferece?”.

Escutei avidamente as suas palavras e durante os seis seguintes meses, mais ou menos, ninguém era mais desejoso de prazeres do que eu, embora sempre com a consciência desperta.

Finalmente, numa noite de quinta-feira, Deus me falou com tremendo poder enquanto eu estava numa festa em companhia de outros jovens, a maior parte mais velha do que eu, onde nos propúnhamos uma diversão noturna.

Recordo que me havia afastado por alguns instantes do salão de recepção para um salão anexo para tomar um refresco. Estando sozinho junto a uma mesa onde se serviam as bebidas, alguns versículos das Escrituras penetraram no mais íntimo de minha alma com uma clareza impressionante, versículos que eu tinha aprendido meses antes.

Estes versículos estão em Provérbios 1.24-32. Aqui a sabedoria é apresentada como rindo-se da calamidade do que recusou ouvir a instrução. Cada palavra parecia penetrar no meu coração como um dardo ardente. Naquele momento, pude sentir, como nunca, anteriormente, minha terrível culpa por ter recusado durante tanto tempo confiar em Cristo para meu próprio bem e ter preferido seguir meu caminho antes que o dAquele que tinha morrido por mim.

Voltei ao salão e tratei de juntar-me àqueles companheiros em suas vãs distrações. Agora tudo me parecia vazio e sem brilho. A luz da eternidade brilhava no salão e eu estranhava que alguém pudesse rir quando o juízo de Deus estava sobre nós, qual espada de Dâmocles suspensa por um cabelo.

Parecíamos pessoas brincando à beira de um precipício e com os olhos vendados, sendo eu o mais infeliz de todos, até que a graça de Deus me clareou tudo.

Aquela noite, após tal festa, voltei para casa a toda pressa e subi a escada para meu quarto. Estando ali, depois de acender uma luz, abri minha Bíblia e, com ela perante mim, caí de joelhos.

Um sentimento indefinido tomou conta de mim e me impelia a orar. Repentinamente, assaltou-me uma pergunta: “Que pedir em minha oração?”. A resposta veio clara e definida: “Aquilo que Deus me tem estado oferecendo durante tantos anos. Por que não recebê-lo agora e dar-Lhe graças?”.

Minha mãe frequentemente me disser: “O lugar onde devem começar nossas relações com Deus está em Romanos 3 ou em João 3”. Procurei estes capítulos e os li com o máximo cuidado. Vi claramente que eu era um desamparado pecador, mas também vi que Cristo tinha

morrido por mim e que a salvação é oferecida gratuitamente a todos os que confiam nEle.

Lendo João 3.16 pela segunda vez, disse: “Chega ó Deus, Te agradeço porque me tens amado e deste Teu Filho por mim. Confio nEle agora como meu Salvador e descanso em Tua Palavra, a qual me assegura que tenho a vida eterna”.

Agora eu esperava ter um estremecimento de gozo. Nada disso aconteceu. Pensei que talvez estivesse equivocado. Esperava um súbito sentimento de amor por Cristo. Tampouco aconteceu tal experiência. Tremi que, talvez, não estivesse realmente salvo, sendo tão pouca minha reação emocional.

Li novamente aquelas passagens. Tudo estava bem claro. Deus amou ao mundo, do qual eu fazia parte. Deus deu o Seu Filho para salvar a todos aqueles que creem. Eu cria nEle como meu Salvador. Portanto, eu tinha a vida eterna. Novamente agradei ao Senhor e me levantei de onde eu estava ajoelhado para iniciar o caminho da fé. Eu sabia que estava salvo.

oOo

SANTIDADE: A MUITO DESEJADA

Uma vez salvo, o primeiro grande desejo do meu coração foi um desejo muito forte de levar outro Àquele que tinha feito a minha paz com Deus.

Nesta época a que estou referindo-me, o Exército de Salvação estava em seu apogeu como organização dedicada ao resgate dos perdidos. Ainda não se tinha popularizado como uma sociedade que receberia o apoio do público e utilizada para obras filantrópicas. Seus oficiais e soldados pareciam ter um único objetivo: levar os caídos e sobrecarregados ao Salvador.

Eu tinha participado com bastante frequência de suas reuniões e, mesmo quando criança, já tinha dado meu “testemunho” muitas vezes, citando versículos bíblicos e aconselhando os pecadores a confiarem em Cristo, estando eu ainda em trevas.

Era natural, portanto, que, ao ser salvo, procurasse na noite seguinte à minha conversão assim como em todas as oportunidades que se me apresentavam, uma reunião do Exército de Salvação que eram realizadas nas ruas e ali, ao ar livre, falava da graça de Deus tão recentemente revelada a minha alma.

Certamente, pelo fato de ter apenas catorze anos e estar bastante familiarizado com a Bíblia, além de ser bastante atirado – até mesmo exageradamente – tive uma imediata e cordial acolhida entre eles e logo

fui conhecido como “o pequeno pregador”, um título que acho agradou mais o orgulho do meu coação do que eu podia imaginar.

Na alegria que tomava conta do meu ser, eu não tinha conhecimento que ainda carregava comigo uma natureza tão vil e pecaminosa como a que poderia existir no íntimo do pior malfeitor deste mundo. Eu conhecia alguma coisa acerca de Cristo e do Seu amor, mas pouco ou nada conhecia a meu respeito e do engano do meu próprio coração.

Até onde pode chegar a minha lembrança, vivi no gozo da minha salvação por um mês, quando, então, por ocasião de uma discussão que tive com meu irmão menor, perdi repentinamente o domínio sobre mim e, tomado de ira, lhe bati, derrubando-o por terra.

Imediatamente, minha alma se encheu de horror. A zombaria de meu irmão e suas palavras de mofa: “Bem, você é um formidável cristão! É melhor que você vá ao Exército de Salvação e lhes diga que tipo de santo você é!” não foram necessárias para fazer-me sentir mal. Mesmo sem elas, eu teria feito o que fiz. Retirei-me ao meu quarto com o coração angustiado e confessei meu pecado a Deus, cheio de vergonha e amarga dor; mais tarde, apresentei minhas desculpas a meu irmão que, imediatamente, me perdoou.

Desde este momento em diante, minha vida foi cheia de “altos e baixos”, para usar uma expressão muito comum nas “reuniões de testemunhos”. Ansiava por uma perfeita vitória sobre as concupiscências e desejos da carne.

Apesar disto, eu me sentia pior com os meus pensamentos e minhas tendências perversas do que antes. Por muito tempo, mantive reservas acerca destes conflitos íntimos, conhecidos só por Deus e por mim.

Após uns oito ou dez meses, me interessei pelo que chamam de “reuniões para buscar a santidade”, promovidas semanalmente pelo Exército de Salvação e por uma missão onde, às vezes, eu assistia. Nestas reuniões falou-se de uma experiência que eu achei que era o que eu precisava.

Esta experiência foi chamada de vários nomes: “A segunda bênção”, “Santificação”, “Perfeito amor”, “Vida superior”, “Limpeza de pecado inato”, assim como de outros.

Em resumo, este ensino se resumia nisto: Quando uma pessoa se converte, Deus em Sua graça lhe perdoa todos os pecados até o dia do seu arrependimento. O resto de sua vida o crente é submetido a uma prova, durante a qual pode, a qualquer momento, perder a sua justificação e a paz com Deus se cai e pecada do qual não e arrepende imediatamente.

Portanto, para manter-se salvo, o crente, segundo esta doutrina, precisa de uma maior obra de graça chamada santificação. Esta obra tem a ver com o pecado como raiz, assim como a justificação tem a ver com os pecados como fruto desta raiz.

Os passos que levam a esta segunda bênção são: em primeiro lugar, convicção em relação à santidade (da mesma maneira como no princípio houve convicção quanto à necessidade de salvação); em segundo lugar, uma entrega total a Deus ou apresentar toda esperança, perspectiva ou possessão ao altar de consagração; em terceiro lugar, demandar pela fé a entrada do Espírito Santo como um fogo purificador a queimar todo pecado inato e, assim, destruir em sua totalidade toda a concupiscência e paixão, deixando a alma perfeita em amor e tão pura como era Adão antes da queda.

Uma vez tendo recebido esta maravilhosa bênção, requer-se grande vigilância para que não aconteça que, assim como a serpente enganou Eva, assim engane também a alma santificada e então seja introduzido novamente um princípio de maldade da mesma índole daquele que requereu uma ação drástica como a que foi necessário tomar anteriormente.

Tal era o ensino e, junto a ele, vinham os testemunhos de experiências notáveis, de cuja ingenuidade eu não podia duvidar, como tampouco podia duvidar que aquilo que o outro parecia desfrutar estava igualmente à minha disposição, desde que eu me submetesse às condições.

Uma senhora já idosa contou que por quarenta anos ela tinha sido preservada de pecar em pensamento, palavra e obra. Seu coração (disse ela) já não era “enganoso mais do que todas as coisas e perverso”, mas era tão puro como o próprio céu, já que o sangue de Cristo tinha limpado os últimos resíduos do seu pecado inato.

Outros falaram de maneira semelhante, embora os relatos tenham sido mais breves. A irritabilidade tinha sido desarraigada ao render-se totalmente a Deus. As más inclinações e os apetites carnis tinham sido destruídos instantaneamente quando a santidade foi reclamada por fé.

Ansiosamente, iniciei a procura desta bênção da santidade na carne. Orei fervorosamente por esta impecabilidade adâmica. Roguei a Deus que me revelasse cada perversidade para poder render-me totalmente a Ele. Abandonei amigos, ambições e prazeres- tudo aquilo em que pudesse impedir a entrada do Espírito Santo e a conseqüente bênção.

Eu tinha sido um “devorador” de livros, pois um amor intenso pela boa literatura me dominava desde pequeno; agora, porém, tomado por este desejo ignorante prescindi de todos os livros agradáveis ou de caráter instrutivo, prometendo a Deus ler somente a Bíblia e os escritos

sobre santidade, se assim Ele me concedesse a “bênção”. No entanto, não consegui o que procurava, embora tenha orado com inteira dedicação durante muitas semanas.

Finalmente, um domingo à noite (nesta ocasião eu estava longe do meu lar, pousando com um amigo do Exército de Salvação), me propus retirar-me no campo e esperar em Deus, não regressando à cidade até ter recebido a bênção do perfeito amor.

Tomei um trem às onze horas da noite e desci numa estação solitária distante uns vinte quilômetros de Los Angeles. Deixando a estrada, desci até um riacho seco que por ali havia. Ajoelhei-me debaixo de uma figueira e orei durante algumas horas, em extrema agonia, rogando a Deus que me mostrasse qualquer coisa que me estivesse impedindo de receber a tal bênção.

Vários assuntos de natureza mui secreta e delicada para serem contados aqui me vieram à mente. Lutei contra a convicção, mas, finalmente, terminei exclamando: “Senhor, deixo tudo – cada coisa, cada pessoa, cada entretenimento que possa impedir-me de viver só para Ti, mas rogo-Te que me dês a bênção!”

Ao lembrar aquele instante, creio que me rendi incondicionalmente à vontade de Deus. Mas meu cérebro, assim coimo meus nervos, estava afetado por aquela extensa vigília e pela ansiedade dos meses anteriores, de maneira que caí ao solo, desmaiado.

Pareceu-me que um santo êxtase comoveu todo o meu ser. Cri que isto era a vinda do Consolador ao meu coração. Então clamei com confiança: “Senhor, creio que vens. Limpa-me e purifica-me de todo pecado. Peço que seja agora. AS obra está feita. Estou santificado ppor Teu sangue. Santifica-me. Eu creio, eu creio!” Achei que todas as minhas lutas tinham terminado.

Com o coração cheio de louvor, me levantei e comecei a cantar em voz alta. Olhei para o relógio e vi que já eram três e meia da manhã. Então resolvi apressar-me para voltar à vila a fim de estar na reunião de oração das sete da manhã a fim de ali testemunhar da minha experiência.

Cansado como estava por ter ficado acordado a noite inteira, meu coração se sentia tão leve que não senti a viagem de regresso, antes logo cheguei à cidade, exatamente no começo da reunião.

Todos se alegraram quando lhes contei quão grande coisas eu cria que o Senhor tinha feito por mim. Cada reunião daquele dia fez aumentar a minha alegria. Estava literalmente intoxicado de alegres emoções.

Eu cria que todas as minhas dificuldades tinham chegado ao fim. O deserto tinha ficado para trás e eu cria que já estava em Canaã, alimentando-me do trigo a terra. Nunca mais eu seria perturbado por

impulsos internos para pecar. Meu coração era puro. Tinha alcançado o tão desejado estado de completa santidade.

Sem nenhum inimigo interior para combater, agora eu poderia dirigir todas as minhas energias para derrotar os inimigos exteriores.

Infelizmente, isto era o que eu, ingenuamente, pensava. Quão pouco me conhecia a mim mesmo e menos, ainda, conhecia a mente de Deus!

oOo

SOL BRILHANTE E NUVENS

Durante algumas semanas, após a formidável experiência já descrita, vivi muito feliz como em um estado sonolento, alegrando-me com a minha imaginária impecabilidade.

Uma grande ideia tinha tomado conta de minha mente e, quer estivesse ocupado com meu serviço ou estivesse de folga, pouco eu pensava em outras coisas a não ser no maravilhoso sucesso que já tinha conseguido. Então, gradualmente, comecei a “pôr meus pés no chão”, por assim dizer.

Nesta época, eu trabalhava num estúdio fotográfico, onde tinha contato com pessoas de hábitos e de gostos bem variados; algumas riam, outras toleravam e outras simpatizavam com minhas ideias radicais em assuntos religiosos.

Noite após noite, eu estava presente nas reuniões; sempre pregando tanto nas ruas como nos salões e logo observei (assim como outros devem ter observado também) que uma mudança tinha-se efetuado em meus “testemunhos”.

Antes, eu sempre tinha exaltado a Cristo e dirigia os pedidos para Ele. Mas agora, imperceptivelmente, minha própria experiência se tinha transformado no tema da minha pregação, apresentando-me a mim mesmo um exemplo notável de consagração e de santidade.

Esta era a nota característica predominante nas breves mensagens dadas pela maior parte dos cristãos “mais adiantados” em nosso grupo. Os mais jovens na graça glorificavam a Cristo. Os “santificados” gloriavam-se a si mesmos.

Um hino favorito que costumávamos cantar deixa isto bem claro, melhor do que eu poderia fazer com as minhas palavras. O hino dizia:

*“Eu sei que outros não vivem santamente;
Batalham contra o pecado inconquistado,
Sem atrever-se a consagrar-se plenamente;
De outro modo, plena salvação teriam ganho.*

*Sua luta contra a malícia é constante,
Da dúvida livrar-se é seu afã,
Queixam-se das coisas circundantes;
Glória a Deus que não estou onde eles estão!”*

O leitor me crerá se eu lhe disser que eu cantava esta monstruosa bobagem sem pensar que estava dando corda a meu orgulho pecaminoso?

Eu achava que era minha obrigação dirigir constantemente a direção para “a minha experiência de plena salvação”, conforme era chamada. “Se você não testificar a respeito, então perderá esta bênção”. Isto era aceito como um axioma entre nós.

Com o passar do tempo, tornei a ter consciência que havia em mim mais desejos de pecar e pensamentos perversos. Eu estava perplexo. Pedi ajuda a um conhecido mestre entre nós, o qual me disse: “Trata-se apenas de tentações. A tentação não é pecado. Você só pecará se atender a sugestão pecaminosa”.

Esta explicação trouxe-me paz por algum tempo. Achei que esta era a maneira geral para desculpar tais manifestações, as quais evidenciam uma natureza que eu supunha ter sido eliminada.

Gradualmente, fui descendo a um plano cada vez mais baixo, até fazer coisas que outrora eu teria repudiado; observei que todos os que me rodeavam faziam aquilo. A primeira experiência de êxtase apenas havia durado um pouco. O êxtase tinha desaparecido e os “santificados” eram pouco diferentes que os outros irmãos.

Nós não cometíamos ostentatórios atos de maldade, nós éramos, portanto, impecáveis. A concupiscência não era pecado, a menos que sucumbíssemos a ela; por tanto era muito fácil continuar testemunhando que tudo era muito bom.

Os quatro anos seguintes os descrevo resumidamente e faço-o a propósito, pois se trata de época de serviço feliz, assim encarado por ignorância. Eu era jovem na idade e na graça. Minhas ideias sobre o pecado e a santidade eram muito precárias e imperfeitas. Geralmente falando, é fácil dizer que eu vivia sem o primeiro e manifestando a segunda.

Quando as dúvidas me assaltavam, considerava-as tentações do diabo. Quando me encontrava plenamente consciente de que havia pecado, persuadia-me a mim mesmo de que, pelo menos, não era um pecado voluntário, mas um erro de mente e não uma ação intencional do coração. Então recorria a Deus, confessando-Lhe o pecado e orava para ser limpo das faltas ocultas. Só contava com dezesseis anos quando era um cadete, isto é, um estudante preparando-me para a oficialidade no Exército de Salvação. Enquanto estava preparando-me

na guarnição de adestramento em Oakland foi que enfrentei mais dificuldades do que em qualquer outra época. A dura disciplina e a obrigação de associação íntima com jovens de tão variadas inclinações e tendências, assim como os vários graus de experiência espiritual, eram coisas terríveis para uma pessoa de temperamento tão sensível como o meu.

Naquele lugar eu vi bem pouca santidade e acho que a que eu demonstrava era ainda menor que a que ali se via. Realmente, nos dois últimos meses dos cinco que ali passei, eu estava num estado de perplexidade e não me atrevia a professar santificação em absoluto, devido a meu baixo estágio espiritual.

Atormentava-me em pensar que talvez eu tivesse apostatado e pudesse perder-me eternamente, depois de ter tido tão felizes experiências acerca da bondade do Senhor. Duas vezes saí sigilosamente do edifício, enquanto os outros dormiam e me dirigi a um lugar solitário onde passei a noite em oração, rogando a Deus que não tirasse de mim o Seu Espírito Santo, antes limpasse de mim completamente o meu pecado inato.

Cada vez, confessava ter a impecabilidade pela fé, apresentando algumas melhoras temporariamente, para, depois, cair num melancolia e em dúvidas, com quanto em palavra e, às vezes, até ações impuras que me produziam terrível remorso.

Finalmente, recebi a comissão de Tenente. Novamente, passei a noite em oração, pensando que não podia empreender a tarefa de ensinar e dirigir a outros a Palavra, a menos que eu fosse puro e santo.

Impulsionado pela ideia de estar livre da restrição a que por tanto tempo havia sido submetido, era comparativamente fácil agora crer que a obra de completa limpeza exterior já estava consumada e agora estava livre de toda carnalidade, caso não estivesse antes.

Como nos enganamos facilmente em questões como esta! Dali para a frente, me converti em um advogado fervoroso da segunda bênção e lembro-me que frequentemente roguei a Deus que desse à minha querida mãe a bênção que me tinha dado a mim e que a fizesse tão santa como se tinha tornado seu filho. Essa santa mãe já tinha conhecido a Cristo antes de eu nascer e conhecia muito bem seu próprio coração para falar em impecabilidade, embora vivesse realmente uma vida consagrada!

Durante o ano em que fui Tenente e depois como Capitão (o Capitão é o encarregado de um corpo ou missão e o Tenente é seu ajudante) meu serviço me dava muita satisfação e com prazer passava por privações e tribulações, as quais creio que agora evitaria já que confiava que estava vivendo a doutrina do perfeito amor a Deus e ao próximo, garantindo mais, desta maneira, minha própria salvação final.

Agora, olhando para o passado, quantos fracassos espirituais posso enxergar – que insubordinada vontade, que falta de sujeição à Palavra de Deus, quanta autossatisfação e quanta consideração de mim mesmo! Realmente, “o homem em sua melhor condição é pura vaidade”.

Nessa época, eu tinha dezoito e dezenove anos, quando comecei a ter sérias dúvidas quanto a ter alcançado aquele nível tão elevado de vida cristã como tinha professado possuir e que tanto o Exército de Salvação quanto outros movimentos de igual credo demandavam como o único cristianismo autêntico.

O que me levou a tais dúvidas é de uma natureza muito pessoal e privada para contá-lo, mas isto provocou uma luta muito grande e enormes esforços no sentido de crucificar-me a mim mesmo, o que me trouxe muita decepção e angústia, mas, mais adiante, me demonstrou, sem a menor dúvida, que a doutrina sobre a morte da velha natureza é uma afirmação infeliz e que a mente carnal ainda era parte do meu ser.

Seguiram-se quase dezoito meses de luta constante. Em vão esquadrinhei o meu coração para ver se, realmente, tinha feito uma rendição total de meus afetos pecaminosos e tratar de abandonar tudo aquilo que me fosse conhecido e que, em algum sentido, me parecesse mau ou duvidoso.

Em algumas ocasiões, por intervalos de um mês ou mais, podia persuadir-me a mim mesmo que agora sim, agora tinha recebido de novo “a bênção”. Mas daí a poucas semanas, invariavelmente, me enfrentava uma vez mais com aquilo que demonstrava que em meu caso particular tudo era engano.

Não me atrevia a abrir meu coração a meus ajudantes na Obra, isto é, os “soldados” que estavam sob a minha direção. Pensava que, se assim fizesse, perderia toda a influência que tinha sobre eles e seria visto como um apóstata.

Assim foi que pelejei mais batalhas sozinho e em secreto e nunca assisti a nenhuma “reunião de santidade” sem persuadir-me a mim mesmo de que pelos menos agora estava completamente entregue e, portanto, devia ter a bênção da santificação.

Algumas vezes eu a chamava de “inteira consagração”, sentindo-me, assim, mais aliviado. Não parecia estar exigindo demais. Naquela época, eu não tinha ideia da hipocrisia existente nisto. O que tornava minha angústia mais aguda era o conhecimento que eu tinha que eu não estava sofrendo sozinho.

Outro colega, a quem eu muito estimava, compartia de minhas dúvidas e ansiedades. Para esta pessoa, tais dúvidas e ansiedades significaram completo naufrágio na fé e uma das almas mais nobres que eu conheci se extraviou até perder-se nos labirintos do espiritismo.

Deus permita que não seja para sempre, mas que naquele dia possa alcançar misericórdia do Senhor!

Agora eu estava começando a ver a fileira de desenganados e de renunciantes que este ensino sobre a santidade havia feito. Eu podia contar por vintenas as pessoas que tinham terminado numa absoluta incredulidade por causa de tal doutrina.

Todas apresentavam sempre a mesma razão: “Me submeti a todas as provas e achei que era um fracasso. Assim, cheguei à conclusão que o ensino da Bíblia era todo um engano e que a religião é simplesmente emocional”.

Muitas pessoas (algumas das quais conheci intimamente) chegaram paulatinamente à loucura e muitos diziam que o estudo da Bíblia os tinha deixado loucos. Quão longe estavam de saber que tinha sido a falta de conhecimento bíblico a responsável por seu precário estado mental e, pior, ainda, o uso absolutamente antibíblico de usar passagens isoladas da Bíblia!

Tão atribulado fiquei que não pude continuar com meu serviço. Cheguei à conclusão que devia renunciar ao Exército de Salvação e assim o fiz, mas fui persuadido pelo Coronel (que equivale ao bispo em certas denominações) de que deveria esperar seis meses antes que a renúncia fosse aceita.

Ele sugeriu (e eu concordei) a abandonar o serviço nos corpos e sair para uma excursão especial, já que o cumprimento das obrigações nesta viagem não exigiria tocar no assunto da “santidade”.

Mas eu estava pregando para outros e estava na dúvida sobre eu mesmo vir a ficar finalmente perdido, porque “sem santidade ninguém verá ao Senhor”. Por mais que me esforçasse, não podia estar seguro de possuí-la.

Eu conversava com alguém que me parecia ter realmente a bênção que eu almejava, mas eram poucos os que, após entrar em intimidades com eles, demonstravam ser realmente genuínos. Observei que o estado geral dos “santificados” era mui baixo e talvez mais baixo do que o daqueles que desdenhosamente eram chamados os “só justificados”.

Não podia aguentar mais e pedi que fosse dispensado de todo serviço ativo e, por solicitação minha, fui enviado à Casa de Descanso Bulah, perto de Okland.

Certamente, já estava na hora de descansar um pouco. Tinha passado cinco anos de serviço ativo com apenas duas breves licenças, os quais tinham arruinado meus nervos, gasto meu corpo e haviam-me deixado numa aguda crise mental.

O clamor de minha alma atribulada, após aqueles anos que passei pregando a outro, era: “Ah, se eu soubesse onde encontrar Cristo!” Não O podendo encontrar, só via trevas e desespero perante mim, mas

assim mesmo conhecia muito bem o Seu amor e bondade, o que me impediu de cair em completo abatimento.

oOo

A LUTA CHEGA AO FIM

Durante cinco anos tinha estado trabalhando na organização à qual me tinha filiado, procurando sempre estar seguro de ter alcançado o estado impecável. Servi em doze povoações e cidades com toda a fidelidade, a meu ver, esforçando-me por atingir os perdidos e transformá-los em consumados salvacionistas, quando fossem convertidos.

Tive muitas e felizes experiências, mas sempre unidas a sombrios desenganos, tanto em relação a mim quanto a outros. Bem poucos de nossos “convertidos” continuaram firmes. Os “apóstatas” com frequência superavam em números nossos soldados. O *ex-Exército de Salvação* foi muitas vezes maior que a organização original.

Durante muito tempo permaneci até não ver uma razão para isso. Finalmente, comecei a ver claramente que a doutrina de “santidade” exercia uma funesta influência sobre o movimento. Os que professavam conversão (quer seja real ou falsa, aquele dia o declarará) se esforçavam por meses e até anos para conseguir o estado de impecabilidade ao qual nunca chegaram, desistindo, finalmente, de seu esforço para, em muitos casos, descer ao baixo nível do mundo que os rodeava.

Observei que isto mesmo acontecia em todas as denominações que sustentavam igual ensinamento sobre a “santidade”, assim como também nos grupos e “Missões” (e outros movimentos semelhantes) que não eram outra coisa senão divisões destas denominações, as quais se sucediam continuamente. A norma fixada era inatingível. O resultado era, mais cedo ou mais tarde, um grande desalento, uma grande hipocrisia habilmente disfarçada ou uma inconsciente modificação da norma estabelecida a fim de ajustá-la à experiência já alcançada.

Quanto a mim, devo dizer que esta última medida de conveniência me teve preso por muito tempo. Quanto havia em mim de hipocrisia não me atrevo a dizê-lo. Posso garantir, porém, que fui vítima do desânimo. Entretanto, agora poso ver que foi pela misericórdia de Deus por mim que assim acontecesse.

Quando fui para o Lar de Descanso para me recuperar, ainda não tinha renunciado a meu empenho em conseguir a perfeição na carne. Esperava, verdadeiramente, grandes coisas como resultado da licença que me haviam dado com o fim de “me encontrar a mim mesmo”.

Intimamente relacionadas com o Lar existiam outras instituições nas quais a “santidade” e a sanidade na fé eram postulados com afinco. Eu estava certo que grandes coisas haveria de conseguir num ambiente tão santo. Ali estava eu com cerca de quatorze oficiais, com a saúde bem delicada, os quais tinham ido àquele lugar em busca de recuperação. Examinei a conduta e o modo de falar de cada um, com muito cuidado, propondo-me confinar naqueles que oferecessem melhor prova de estar completamente satisfeitos.

Entre eles havia algumas almas seletas, mas outros eram uns refinados hipócritas. Santidade em seu sentido absoluto, não pude ver em nenhum deles. Alguns mostravam piedade e consagração. A retidão de consciência destes era coisa inegável. Mas os de maior ostentação verbal eram os menos espirituais. Apenas tinham suas Bíblias e mui raramente ajuntavam-se para falar de Cristo.

Uma atmosfera de indiferença envolvia aquele lugar. Ali havia três irmãs; as três mui consagradas e aparentemente mais piedosas que nenhum outro que ali estava, mas, mesmo assim, duas delas me confessaram que não estavam certas de serem perfeitamente santas. A outra era mui reservada, embora procurasse ajudar-me.

Alguns eram positivamente briguentos e ásperos, coisas que eu não podia conciliar com a profissão que faziam de estar isentos do pecado inato. Eu assistia as reuniões dirigidas pelos outros obreiros já mencionados. Nesta reuniões, mesmo os melhores entre eles, não faziam referência à perfeição impecável, enquanto que os outros eram manifestamente carnis e gloriavam-se de terem alcançado o “perfeito amor”.

Havia enfermos que davam testemunho de terem sido sarados pela fé e pecadores que declaravam ter a bênção da “santidade”.

Em lugar de ser ajudado, eu fui atrapalhado ali, diante de tanta inconsistência. Descobri que eu estava tornando-me frio e cínico. As dúvidas tomavam conta de mim, como se fossem legiões de demônios e quase tive medo que minha mente começasse a discorrer sobre tais coisas.

Procurei refúgio na literatura secular e mandei trazer meus livros, aos quais alguns anos antes tinha renunciado sob juramento, se, com isso, conseguisse que Deus me desse “a segunda bênção”.

Quão pouco eu reconhecia o espírito de Jacó em tudo isto! Parecia-me que Deus tinha fracassado, por isso me voltei para meus livros e tratei de encontrar alívio nos ensaios e na poesia ou em investigações históricas ou científicas. Não me atrevia a confessar a mim mesmo que eu era literalmente um agnóstico; no entanto, durante um mês só podia responder “não sei” a toda pergunta baseada na revelação divina.

Este era o resultado direto do ensino sob o qual eu tinha estado. Meu modo de raciocinar era que a Bíblia prometia completa liberdade de pecado congênito a todo aquele que se submetesse de maneira absoluta à vontade de Deus.

Cria estar certo que eu tinha feito isto. Então, por que eu não tinha sido inteiramente libertado da mente carnal? Parecia-me ter cumprido todas as condições e que Deus, por sua parte, tinha falhado em cumprir o que tinha prometido.

Sei muito bem que é uma atitude muito vil escrever isto, mas não sei de outra maneira de ajudar aos que se encontram no mesmo estado em que eu me encontrava durante aquele terrível mês. A libertação chegou, finalmente, de maneira inesperada.

Uma Tenente que tinha uns dez anos mais do que eu chegou ao Lar, trazida de Rock Springs, estado de Wyoming. Supunha-se que estava prestes a morrer, vítima de tuberculose. Desde o primeiro momento, senti uma profunda simpatia por ela. Considerava-a uma mártir, dando a sua vida por um mundo necessitado.

Passei muito tempo ao seu lado, observando-a cuidadosamente, e cheguei à conclusão que ela a única plenamente “santificada” naquele lugar. Imaginem qual seria a minha surpresa quando, poucas semanas depois de sua chegada, ela me procurou certa noite, acompanhada de outra pessoa, e me pediu que lhe lesse alguma coisa, ao mesmo tempo que me dizia: “Ouço dizer que o senhor está constantemente ocupado nas coisas do Senhor! Eu preciso de sua ajuda!”

Eu ajudá-la?! Fiquei mudo de admiração, pois conhecia tão bem o estado do meu coração e estava perfeitamente seguro da perfeita “santidade” dela. Naquele instante em que entraram no meu quarto, eu estava lendo a obra de Byron intitulada “Childe Harold”. E pensar que os outros supunham que eu estava inteiramente consagrado às coisas de Deus! Aquilo pareceu-me algo sobrenatural e fantástico ou, então, uma farsa: comparar-nos conosco mesmos só para nos enganarmos cada vez mais e mais.

Apressei-me em deixar aquele livro de lado e fiquei pensando o que deveria ler para ela. Por Sua providência, Deus me lembrou detestava, pois temia que ela perturbasse minha tranquilidade; tão temeroso eu estava de tudo que não tivesse o selo de aprovação do Exército de Salvação ou do ensino sobre a “Santidade”.

Levado por um súbito impulso, retirei aquele folheto da estante e disse: “Vou ler-lhe isto. Não está de acordo com o nosso ensino, mas de qualquer maneira pode ser interessante. Li página após página, prestando pouca atenção ao que estava lendo; só desejava acalmar e tranquilizar aquela mulher que se aproximava da morte.

O estado perdido, por natureza, de todo homem, recebia naquele folheto toda a ênfase. Explicava-se a redenção pela morte de Cristo. Estendia-se sobre a exposição das duas naturezas do crente e sobre a segurança eterna, o que para mim era ridículo e absurdo. A última parte estava dedicada à profecia. Nesta parte, não entramos.

Depois de ter lido a primeira metade do livro, me assustei quando a Tenente J. exclamou: “Oh, Capitão! O senhor pensa na possibilidade de isto estar certo? Se eu pudesse crer nisto, morreria em paz”.

Muito assombrado, eu lhe perguntei: “Como? A senhora quer dizer que não pode morrer em paz no estado em que se encontra? A senhora está “justificada” e “santificada”? A senhora possui uma experiência que eu tenho procurado alcançar faz anos, sem resultado, e ainda se sente perturbada ao encarar a morte?”

“Sou uma miserável replicou, “e o senhor não deve dizer que sou uma “santificada”. Não posso alcançar a “santificação”. Tenho lutado por ela há anos e ainda não a tenho conseguido. Esta é a razão de querer falar com o senhor, pois eu estava segura que o senhor a tinha e poderia ajudar-me”.

Durante alguns momentos nos olhamos estupefatos. A cena era penosa, mas tornou-se burlesca porque naquele momento eu ri de maneira muito estranha e ela chorava histericamente. Recordo ter exclamado então: “Que está acontecendo conosco? Não existe sobre a terra pessoa alguma que renuncie a mais coisas por amor a Cristo do que nós. Sofremos e passamos até fome e gastamos nossos corpos esforçando-nos em fazer a vontade de Deus e, depois de tudo isto, não gozamos uma paz duradoura. Às vezes, nos sentimos felizes; alegramos-nos em nossas reuniões, mas nunca temos a certeza de como será o fim”.

“O senhor pensa”, perguntou ela, “que tudo se deve porque dependemos demais de nossos próprios esforços? Será que enquanto confiamos em Cristo para nossa salvação, pensamos que temos de ficar firmes por nossa própria fidelidade?” “Mas”, interrompi eu, “pensar outra coisa equivaleria a abrir a porta a toda espécie de pecado!”

Continuamos falando sobre o assunto até que, muito cansada, ela se retirou, pedindo licença para que na noite seguinte permitisse a ela e a outros falarmos sobre as coisas sobre as quais tínhamos estado conversando, com o que concordei imediatamente.

Tanto para a Tenente J. como para mim, aquela leitura como também a troca de ideias que tivemos naquela noite foi o começo da nossa libertação. Tínhamos admitido um para o outro, como também para a terceira pessoa ali presente, que nenhum de nós estava “santificado”. Daí em diante, começamos a esquadrihar fervorosamente as Escrituras em busca de paz e de ajuda.

Deixei de lado todos os livros seculares, empenhado em não permitir que nada atrapalhasse o estudo cuidadoso e com oração da Palavra de Deus. Passo a passo foram aparecendo os primeiros fulgores do amanhecer. Vimos que tínhamos estado olhando para dentro de nós para encontrarmos a santidade, em vez de olhar para fora de nós. Reconhecemos que a graça que nos tinha salvo no começo era a mesma graça que fazia podermos prosseguir. Compreendemos que para nós tudo devia estar em Cristo, caso contrário, não teríamos nem um só raio de esperança.

Muitas coisas nos preocupavam e nos deixavam perplexos. Observamos que muitas coisas nas quais criamos eram opostas à Palavra de Deus. Muitas outras não podíamos entendê-las, tão deformadas tinham ficado nossas mentes após longos anos de adestramento naquele sistema de ensino.

Diante de tanta perplexidade, procurei um mestre bíblico que, segundo o que percebi, estava em comunhão com o autor do folheto a que já me referi. Em duas ocasiões o escutei com muito proveito, embora, de certo modo, ainda me achava aturdido. No entanto, comecei, uma vez mais, a sentir terra firme sob os meus pés.

Uma grande verdade foi tomando conta de mim: “a santidade”, “o perfeito amor” e todas as outras bênçãos **eram minhas em Cristo** desde o momento em que tinha crido. Eram minhas e minhas para sempre e tudo de graça.

Eu tinha estado olhando para outro homem, quando tudo estava no Homem Cristo Jesus! Foi preciso passarem-se algumas semanas para ver tudo isto com clareza.

Um folheto que já tinha sido uma bênção pra muitos, veio a ser uma grande ajuda para nós dois. Seu título: “Segurança, certeza e gozo” foi uma fonte de alegria. Outros folhetos me foram dados, os quais li com muita avidéz, procurando cada referência bíblica, examinando o contexto e outras passagens semelhantes, ou aparentemente opostas, enquanto diariamente clamávamos a Deus que nos desse o conhecimento da Sua verdade.

A senhorita J. viu a verdade antes do que eu. Tudo clareou para ela quando viu que estava eternamente unida a Cristo como Cabeça do Corpo e tinha vida eterna nEle como sendo a Videira e ela um ramo. Seu gozo não tinha limites e sua saúde melhorou consideravelmente a partir daquele momento, prolongando-se sua vida por mais seis anos. Finalmente, foi para o Senhor exausta pela tarefa de levar almas a Cristo.

Muitos talvez se sintam decepcionados ao saber que ela conservou suas relações com o Exército de Salvação até ao fim de seus dias neste mundo. Ela sustentava a ideia errada (a meu ver) de que devia

permanecer onde estava e ali declarar a verdade que tinha aprendido, mas se arrependeu antes de morrer.

Suas últimas palavras ao irmão A. B. S. e a mim, os quais estivemos ao seu lado quando seu fim se aproximava, foram: “Tudo o tenho em Cristo. Disto estou certa. Gostaria de ter sido mais fiel acerca da verdade, acerca do Corpo, a Igreja. Errei por deixar-me levar por um zelo que pensei era de Deus e agora já é tarde demais para ser fiel à verdade recebida!”

Quatro dias depois de ter brotado em sua alma a verdade, enquanto ainda estávamos no Lar de Descanso, eu também fui libertado de minhas dúvidas e temores e achei meu tudo em Cristo. Não podia continuar ali. Uma semana depois, eu estava fora do único sistema humano onde jamais tinha estado como cristão.

Desde então e por muitos anos não tenho conhecido outro cabeça a não ser Cristo, nenhum corpo a não ser a única igreja a qual Ele comprou com o Seu próprio sangue.

Estes têm sido anos felizes e quando olho retrospectivamente o caminho pelo qual o Senhor me tem conduzido só posso louvá-LO pela incomparável graça que fez que Ele me libertasse da introspecção e me permitiu ver que a santidade perfeita e o perfeito amor têm de ser encontrados não em mim, mas tão somente em Cristo Jesus.

Durante a minha peregrinação tenho estado aprendendo que, quanto mais ocupado meu coração esteja com Cristo, tanto mais libertação do poder do pecado terei e mais real será para mim a verdade de que o amor de Deus está derramado em meu coração pelo Espírito Santo que me foi dado, como o penhor da glória vindoura.

Tenho encontrado liberdade e gozo desde que, desta maneira, fui libertado de uma servidão, a qual nunca cri possível que fosse conhecida por alguma alma na terra, enquanto apresento com confiança esta preciosa verdade para que outros a aceitem, a qual contrasta com a incerteza do passado.

Proponho-me tratar de maneira mais detalhada na segunda parte deste livro a verdade que operou a minha libertação, mas desejo, antes de terminar a parte referente à minha experiência, reunir em um capítulo minhas impressões pessoais quanto ao “Movimento de Santidade”.

oOo

OBSERVAÇÕES QUANTO AO MOVIMENTO DE SANTIDADE

Desde a minha separação das sociedades perfeccionistas, com frequência me têm perguntado se tenho encontrado uma norma tão elevada guardada pela maior parte dos cristãos que não professam possuir “a segunda bênção” como a tenho visto guardada por aqueles que professam tê-la.

Minha resposta é que, depois de ter considerado cuidadosamente, e creio que sem prejuízo, uns e outros, tenho visto uma norma mais alta mantida pelos crentes que recusam inteligentemente a teoria da erradicação do pecado inato do que entre os que a aceitam.

Aqueles são cristãos serenos, modestos que conhecem tão bem a sua Bíblia e seus próprios corações que seriam incapazes de permitir que seus lábios falassem de impecabilidade e de perfeição na carne; apesar disto, caracterizam-se por uma completa devoção ao Senhor Jesus Cristo, amor à Palavra de Deus e santidade de vida e de obra.

Mas estes frutos surgem não pela ocupação consigo mesmos, mas pela ocupação com Cristo, no poder do Espírito Santo.

Não estou generalizando meu critério e meu depoimento em relação ao grande número de professantes, muitos dos quais pouco conhecimento tenham sobre tais coisas. Refiro-me àqueles entre as várias denominações e a outros que estão fora de tais grupos que confessam a Cristo valorosamente e procuram ser um testemunho em favor dEle no mundo.

Comparados, com estes, repito, existe uma norma de vida mais baixa entre o chamado “Povo de Santidade”.

Não é preciso ir muito longe para buscar as razões para isto. Em primeiro lugar, a declaração de “santidade” induz a um tênue orgulho espiritual que se assemelha ao próprio farisaísmo e com frequência leva à mais manifesta confiança em si mesmo.

Em segundo lugar, afirmar que eu vivo sem pecado traz como resultado a conclusão de que nada que eu faça é pecado. Daí que o ensino de santidade na carne leva a endurecer a consciência e fazer que o professante dela reduza a norma cristã de vida ao pobre nível de sua experiência pessoal.

Quem esteja frequentemente entre pessoas que seguem este ensino logo começará a reconhecer como são comuns entre eles as condições que tenho descrito. Os professantes de “santidade” geralmente são pessoas satíricas, maldizentes e duras ao julgar os outros. Exageros, os quais constituem uma monstruosa falta à verdade, são inconscientemente encorajados e frequentemente consentidos em suas reuniões de “testemunho”.

A maior parte deles não está mais livre de vulgaridades, expressões de rua e de leviandades no falar do que pessoas comuns que não fazem tal profissão. Muito dos seus pregadores são dados a sermões

emocionais e de entretenimento que têm de tudo menos de seriedade e de edificação. E tudo isto, vejam bem, sem que pequem!

O apóstolo Pulo pôs ênfase em que a inveja, a contenda e as divisões são evidência de carnalidade e são as chamadas “obras da carne”. Onde é que as divisões têm sido mais comuns, com suas consequências maléficas do que entre as organizações rivais da “santidade”, algumas das quais denunciam os adeptos das outras como “apóstatas” e “a caminho do inferno”?

Eu mesmo pude ouvir tais depoimentos muitas vezes. O rancor existente entre o Exército de Salvação e os vários grupos que se formaram a partir dele: Os Voluntários da América, o desacreditado Exército de Salvação Americano, o já inexistente Exército Evangélico e outro “exércitos” são a melhor prova desta afirmação, além de que as outras sociedades de “santidade” tampouco possuem um histórico mais brilhante do que este.

Tenho observado que a dívida e sua irmã gêmea, a preocupação, são tão comuns entre os adeptos da “santidade” como entre os outros. Realmente, o pecado da preocupação parece raramente ser percebido entre eles. Os advogados da “santidade” têm todas as pouco agradáveis maneiras que tanto afligem a muitos de nós. Eles não estão mais livres de avareza, de mexericos, de maledicência, de egoísmo e de fraquezas semelhantes do que seus próximos.

Quanto à perversidade e à impureza vil, lamento ter que dizer que estes pecados se encontram com mais frequência nas igrejas e missões vinculadas ao movimento de “santidade” e nas brigadas do “Exército de Salvação” do que as pessoas alheias a estes movimentos poderiam pensar. Sei o que estou falando e é só o desejo de livrar a outros das amargas decepções que eu já tive que enfrentar que me impele a escrever da maneira como estou escrevendo.

Geralmente existem falhas entre os cristãos que horrorizam e ferem a sensibilidade de muitos, as quais acontecem por não se estar velando em oração. Mas certamente tais falhas entre os que militam no movimento de “santidade” ocorrem a intervalos bem próximos! O caminho do movimento de “santidade” (incluindo, logicamente, o Exército de Salvação) está salpicado destes deslizes morais e espirituais.

Não me atrevera a contar das dezenas e até das centenas de soldados e de oficiais “santificados” que, digo por conhecimento pessoal, foram licenciados ou abandonaram “o Exército” em desgraça durante meus cinco anos de oficializato. Poderão objetar que tais pessoas tinham “perdido sua santificação” antes de cair nestas práticas, mas, mas, então, que valor tem uma santificação que deixe ao que declara possuí-la tão indefeso como a quem não diz possuir nada semelhante?

Por outra parte, admito com mais alegria que entre os elementos da organização militar religiosa a que pertenci, como em outras organizações de “santidade”, há muitos, homens e mulheres, piedosos e devotos, cujo zelo por Deus e sua abnegação são ostensivos, os quais serão recompensados “naquele dia”.

Mas ninguém se engane com isto ao ponto de crer que tenha sido a doutrina da “santidade” a que fez dos tais cristãos exemplares. A refutação de tal crença está no simples fato de que a maior parte dos mártires, missionários e servos de Cristo que, através da história do cristianismo “não amaram suas vidas até a morte” jamais sonhou em pensar em tais privilégios, antes, pelo contrário, reconheceram a cada dia a sua pecaminosidade natural e sua constante intercessão de Cristo.

Os testemunhos de muitos que em outro tempo figuraram entre as outras organizações nas quais a santidade da carne é pregada e professada estão concordes comigo em relação à grande porcentagem de “retrocesso” na virtude e pureza pessoal.

A superstição e o fanatismo mais grosseiro têm seu refúgio entre os advogados da “santidade”. Observe-se o atual “movimento de línguas” com todos os enganos e males correspondentes.

Um insaciável e doentio desejo de novas e emocionantes sensações religiosas e de reuniões emocionais de natureza mui excitante produzem este resultado imediato. Pelo desconhecimento de uma paz segura e por supor que a salvação final depende do progresso da alma, muitas pessoas chegam a depender tanto de “bênçãos” e de “novos batismos do Espírito” com são chamadas estas experiências, que rapidamente tais pessoas caem nos erros mais absurdos.

Nos últimos anos, centenas de reuniões de “santidade” através do mundo se têm tornado literalmente em pandemônios, onde demonstrações dignas de uma casa de loucos ou de uma concentração de dervixes gritando, se realizam noite após noite. Não é sem razão que, entre eles, acha-se uma elevada porcentagem de demência e de excepcionalidade como resultado de tais práticas.

Estou bem à par de muitos mestres da “santidade” repudiarem todo relacionamento com tais fanáticos, mas parece não perceberem que suas próprias doutrinas são a causa direta dos resultados repudiáveis que tenho estado comentando.

Pregue-se um Cristo integral, proclame-se uma Obra consumada, ensine-se que, segundo a Palavra, a verdade da moradia do Espírito Santo no crente e todas estas experiências extravagantes desaparecerão.

Talvez o mais triste do movimento a que me tenho referido seja a longa lista de naufrágios na fé. Atribui-se isto à instrução deficiente que

receberam. Grande número de pessoas procura a “santidade” durante anos, para reconhecer que estiveram desejando o inatingível. Outros, professam tê-la conseguido, mas finalmente foram obrigados a reconhecer que estavam enganados.

O resultado é que, muitas vezes, a mente sucumbe diante de esforços desenvolvidos, mas é mais comum verificar que a incredulidade na inspiração das Escrituras é o resultado lógico.

Tenho escrito estas páginas para as pessoas que se aproximam do risco da incredulidade e das trevas. A Palavra de Deus é verdadeira. Deus não prometeu nada que não cumpra. Você, querida alma perturbada, tem sido extraviada por um falso ensino sobre a verdadeira natureza da santificação e os efeitos próprios da morada do Espírito Santo no crente.

Não permita que a incredulidade tenebrosa e nem a decepção melancólica impeçam você de ler os capítulos que seguem e de ler diariamente as Escrituras para ver se as coisas são assim. E que Deus, em Sua rica graça e misericórdia, conceda a cada leitor egocêntrico que olhe só para Cristo, “o Qual nos foi feito sabedoria, justificação, santificação e redenção”.

.oOo.

Parte 2 – Doutrinária

Santificação: Seu significado

Ao iniciarmos o estudo da santificação, conforme está ensinado nas Escrituras, é importante ter um entendimento claro do que o autor e o leitor entendem por esta palavra.

Porque, se o autor, ao usar a palavra, tem um pensamento em mente e o leitor está pensando em algo totalmente diferente, podemos imaginar que nunca chegaremos à mesma conclusão.

Proponho, inicialmente, que os teólogos e mestres da chamada “santidade” nos definam a palavra para, depois, recorrer às Escrituras para comparar com a Palavra suas definições. Eis aqui alguns exemplos: “Em um sentido doutrinal, a santificação é a obra em função da qual se faz verdadeiramente e perfeitamente santo o que antes era imundo e pecaminoso. É uma obra progressiva que a graça divina efetua na alma justificada pelo amor de Cristo. O crente é justificado gradativamente da corrupção de sua natureza e, finalmente, ‘apresentado perante a Sua glória com alegria excessiva’” Esta é uma

afirmação bastante aceitável dos pontos de vista sustentados pela maior parte dos teólogos protestantes e esta transcrita do Dicionário da Santa Bíblia, sob a redação do sr. W. W. Rand.

As definições do dicionário secular concordam todas em que “santificação é um ato da graça de Deus mediante a qual os afetos do homem são purificados e enobrecidos”. Esta, conforme se observará, está de acordo com a primeira definição dada.

Os escritores sobre o tema da “santidade” são mui explícitos e geralmente chamam a atenção para o que eles supõem ser a diferença entre justificação e santificação. Não citarei nenhuma das suas autoridades sobre o assunto, antes exporei seu ensino em minha própria linguagem, conforme costumava fazê-lo há anos quando era ensinador de tal doutrina.

A razão para adotar tal procedimento é que todos os professantes da “santidade” que leiam estas páginas possam julgar por si mesmos se eu era suficientemente “claro” em relação a esta matéria quando eu me encontrava entre eles.

A justificação supunha-se ser uma obra da graça de Deus pela qual os pecadores são feitos justos e libertados de seus hábitos pecaminosos, ao vir a Cristo.

Mas na alma simplesmente justificada permanece um princípio corruptível, uma árvore má ou “raiz de amargura” que tende continuamente para o pecado. Se o crente obedece a este impulso e peca voluntariamente, então deixa de ser justificado; eis porque o desejo de sua remoção a fim de que a possibilidade de retroceder seja muito menor. A **erradicação** desta raiz pecaminosa é **santificação**.

Portanto, é a limpeza da natureza humana de todo o pecado inato pelo sangue de Cristo (aplicado por meio da fé em um ato de plena consagração) e pelo fogo purificador do Espírito Santo, o Qual queima toda a escória ao colocarmos tudo sobre o altar do sacrifício.

Esta, e só esta, é a verdadeira santificação, uma segunda obra da graça divina, posterior à justificação e sem a qual esta mesma justificação corre o risco de perder-se!

Que esta definição está de acordo com o ensino da “santidade” estou certo quem será admitido pela mais radical das “escolas de santidade”.

Submetamos agora estas afirmações à luz das Escrituras. E, para fazermos isto de um modo inteligente, proponho, em primeiro lugar, examinar certo número de passagens em ambos os Testamentos e ver se em alguma delas têm sentido e estão de acordo as afirmações anteriormente feitas.

Quero fazer constar que santidade e santificação são palavras sinônimas. Ambas são usadas para traduzir a mesma palavra tanto do grego quanto do hebraico.

Bastariam doze citações bíblicas para demonstrar o uso que se dá à palavra nas Escrituras.

(1) Na Palavra de Deus ensina-se claramente a santificação de objetos inanimados. “Ungirás também o altar do holocausto, e a todos os seus vasos; e santificarás o altar; e o altar será uma coisa santíssima. Então unguirás a pia e a sua base, e a santificarás” (Êxodo 40.10-11).

Vamos supor que havia alguma mudança na natureza destes objetos? Extirpou-se deles algum princípio de maldade?

Também lemos em Êxodo 19.23: “Marca termos no monte e santifica-o” Efetuou-se alguma mudança na estrutura do monte quando Deus deu a lei sobre ele? O leitor poderá responder honestamente e terá que confessar que aqui, pelo menos, nem as definições teológicas e nem as dadas pela “santidade” se aplicam à palavra “santificação”. O que esta palavra significa o veremos mais tarde, após ouvirmos as nossas doze testemunhas.

(2) As pessoas podem santificar-se a si mesmas, sem que seja exercido algum ato de poder divino ou sem que alguma obra da graça divina possa atingi-las. “E também os sacerdotes, que se chegam ao Senhor, se hão de santificar, para que o Senhor não se lance sobre eles” (Êxodo 19.22). Será que os sacerdotes tinham que mudar sua natureza de má para boa? Uma vez mais, cabe aos leitores julgarem. Eu apenas encaminho as testemunhas; elas são o jurado.

(3) Um homem podia santificar a outro. “Santifica-Me a todo primogênito... por que Meu é” e, outra vez: “Disse também o Senhor a Moisés; vai ao povo e santifica-os hoje e amanhã, e lavem eles os seus vestidos” (Êxodo 13.2; 19.10). Que mudança interna ou limpeza Moisés devia efetuar com relação ao primogênito ou a todo o povo de Israel? Que ele não eliminou seu pecado inato é evidente pela leitura dos capítulos seguintes.

(4) Pessoas podem santificar-se a si mesmas para cometer iniquidade. “Os que se santificam e se purificam nos jardins uns após outros, os que comem carne de porco, e a abominação, e o rato, juntamente serão consumidos, diz o Senhor” (Isaias 66.17). Que monstruosa santificação é esta e como é absurdo pensar que haja aqui alguma limpeza interior!

(5) O Filho foi santificado pelo Pai. “Aquele a Quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, vós dizeis: Blasfemas, porque disse: Sou Filho de Deus” (João 10.36). Eles e não Ele é que blasfemaram; igualmente vil seria a blasfêmia de qualquer pessoa que dissesse que a santificação

para Cristo implicava a erradicação da natureza corrupta ou uma vontade perversa mudada. Ele sempre foi: “O santo... chamado Filho de Deus”.

Não faltam advogados da chamada “santidade” que ousam ensinar, impiamente, que a mácula do pecado estava em Seu Ser e que precisou ser eliminado; mas estes são, com toda justiça, afastados da comunhão, e seu ensino é abominado pelos cristãos instruídos pelo Espírito Santo. No entanto, Ele, o Santo, foi santificado pelo Pai. Temos que supor que a palavra santificar tem um sentido em relação a Cristo e outro em relação aos crentes?

(6) O Senhor Jesus Cristo Se santificou a Si mesmo. “E por eles Me santifico a Mim mesmo, para que eles sejam também santificados na verdade” (João 17.19). Se têm que prevalecer algumas das definições anteriormente dadas, então que temos a dizer quanto ao fato de que Aquele que foi santificado pelo Pai depois Se santificou a Si mesmo? Não está bem claro que existe alguma discrepância entre o que dizem os teólogos, os perfeccionistas, e o que diz a Bíblia?

(7) Os incrédulos, às vezes, são santificados. “Porque o marido descrente é santificado pela mulher e a mulher descrente é santificada pelo marido; doutra sorte os vossos filhos seriam imundos; mas agora são santos” (1 Coríntios 7.14). Aqui do cônjuge de um cristão, ainda que não convertido, é dito que é santificado. Será que o tal está livre do pecado inato ou estará sofrendo alguma mudança de natureza? Se isto é muito absurdo por ser considerado, então santificação não pode significar nenhuma das experiências já citadas anteriormente.

(8) Os cristãos carnais são santificados. “Paulo (chamado apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus) e o irmão Sóstenes, à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados santos”; E eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnais, como a meninos em Cristo... Porque ainda sois carnais, pois havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois porventura carnais e não andais segundo os homens?” (1 Coríntios 1.1-2; 3.1, 3).

Carnais e, mesmo assim, livres do pecado inato? Impossível! No entanto, os cristãos declarados santificados no capítulo primeiro são chamados de carnais no capítulo 3. Nenhuma linha de pensamento lógico pode fazer com que a classe de cristão do capítulo 3 seja mudada para ser diferente àqueles a quem o apóstolo se dirige no capítulo primeiro.

(9) Nos é ordenado a seguir a santificação. “Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hebreus 12.14). Em que sentido os homens podiam seguir uma transformação de natureza ou como perante mim, aquilo que ainda não alcancei

plenamente, em um sentido prático, como nos diz o apóstolo Paulo em Filipenses 3.14-16.

(10) É requerido dos crentes que santifiquem a Deus. “Antes santificai a Cristo, como Senhor, em vossos corações” (1 Pedro 3.15). Como podemos entender uma exortação como esta se santificação implica em limpeza interior ou fazer santo o que antes era imundo e vil? Não ficou bem claro que tal definição nos levaria aos caprichos mais extravagantes e aos maiores absurdos?

(11) Pessoas tratadas como santificadas, mais adiante são exortadas a serem santas. “Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia; eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersion do sangue de Jesus Cristo... Mas, como é santo Aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver; porquanto escrito está: Sede santos porque Eu sou santo” (1 Pedro 1.1-2, 15-16).

Pensem na incompatibilidade destas passagens se santificação e santidade se referem a uma obra interior mediante a qual o pecado inato é desarraigado de nosso ser! Os santificados são exortados a serem santos, em lugar de serem informados que já têm sido absolutamente santos e que, portanto, não precisam de tal exortação!

(12) Os santificados são, no entanto, declarados aperfeiçoados para sempre. “Porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados” (Hebreus 10.14). Quem é que, entre os perfeccionistas, pode explicar isto satisfatoriamente? Nada é tão comum entre os mestres da referida escola como a doutrina da possibilidade de uma queda posterior e a perda final daqueles que já foram justificados; mas aqui lemos que os santificados são perfeitos para sempre, portanto, nunca se perderão, nem nunca perdem aquela santificação, com a qual já foram atingidos.

Depois de escutarmos cuidadosamente estas doze testemunhas, eu pergunto a meus leitores: Vocês podem obter dos vários usos bíblicos da palavra “santificação” algum indicio de uma mudança de natureza do crente ou de uma eliminação do mal, implícita nela?

Estou certo que toda a mente honrada deve confessar que a palavra, evidentemente, tem um significado bem diferente e me proponho apontar, logo mais, qual é este significado.

Despojados de todas as crenças teológicas, o verbo **“SANTIFICAR”** significa **“SEPARAR”** e a palavra **“SANTIFICAÇÃO”** significa, literalmente, **“SEPARAÇÃO”**. Esta simples chave abrirá cada versículo que temos estado comentando e harmonizará tudo onde parecia haver um completo desarranjo.

Os vasos do Tabernáculo foram separados para o serviço divino, assim como o Monte Sinai foi apartado para o Senhor, por ocasião da entrega da Lei. Os sacerdotes em Israel se separaram a si mesmos de contaminação. Moisés separou o povo da imundícia e apartou os primogênitos para serem dedicados a Jeová. Os apóstatas, pelo contrário, nos dias de Isaías, se apartaram a si mesmos para operarem iniquidade aos olhos do Senhor. O Pai separou o Filho para vir a ser o Salvador dos perdidos e, no final de Sua vida na terra, e Sua Obra já consumada, o Senhor Jesus Cristo Se separou a Si mesmo e subiu à glória, para ser o Amado nos corações do Seu povo, a fim de que se separassem do mundo que havia rejeitado e crucificado seu Redentor.

A esposa ou o esposo incrédulos, se estão vinculados a um cônjuge vinculado para Deus, é colocado nesta maneira numa relação externa com Deus, com os consequentes privilégios de responsabilidades e seus filhos são igualmente separados para Deus em Cristo Jesus e daí surge a responsabilidade de viver para Ele. Esta separação tem que ser constante, de maneira que o crente seja mais e mais conforme Cristo. As pessoas que professam ser cristãs e não seguem a santificação não verão ao Senhor porque são irrealis e não possuem vida divina. O Senhor Deus deve ser separado em nossos corações se queremos que nosso testemunho seja contado para Sua glória. Uma pessoa pode ser separada para Deus em Cristo e, mesmo assim, necessita de exortação para uma separação prática de toda imundícia e mundanismo.

Finalmente, todos os que assim são separados são perfeitos para sempre perante Deus, em relação à consciência, pelo único sacrificio de Cristo na cruz, porque são aceitos no Amado e eternamente unidos a Ele.

Obtenha a chave e toda a dificuldade se desvanecerá. A santificação, no sentido cristão, é, portanto, dupla – absoluta e progressiva.

oOo

SANTIFICAÇÃO PELO ESPÍRITO SANTO – INTERNA

Ao finalizar o capítulo anterior fiz a observação de que a santificação tem dois aspectos: um é absoluto e o outro é progressivo.

A santificação absoluta é efetuada pela oferta de Cristo sobre a cruz, a respeito da qual falaremos depois. A santificação progressiva se efetua de duas maneiras: pelo Espírito e pela Palavra.

Talvez ajude a alguém dizê-lo de outra maneira.

A santificação pelo Espírito é **interna**. Trata-se de uma experiência dentro do crente.

A santificação pelo sangue é **eterna**. Não se trata de uma experiência; é **posicional**, isto é, tem a ver com o novo lugar que todo crente ocupa no favor eterno de Deus, invariável e incambiável, a qual nunca pode ser contaminada, na consideração de Deus.

A santificação pela Palavra de Deus refere-se à vida e conduta exteriores do crente. É o resultado visível da santificação pelo Espírito, a qual continua progressivamente por toda a vida.

Desejo agrupar quatro passagens das Escrituras, as quais se referem ao primeiro importante aspecto já mencionado. Doutrinariamente, talvez deva-se considerar primeiro a santificação pelo sangue, mas, experimentalmente, a obra do Espírito precede o conhecimento da outra.,mos de uma multidão de seres que não herdarão o reino de Deus. O versículo 11 acrescenta imediatamente: “E é o que alguns têm sido, mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus”.

Em 2 Tessalonicenses 2.13 também lemos: “Devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados do Senhor, por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito e fé da verdade”. Intimamente ligado a isto está o segundo versículo do primeiro capítulo da Primeira Epístola de Pedro: “Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspensão do sangue de Jesus Cristo”.

A quarta passagem está em Romanos 15.16: “Que seja ministro de Jesus Cristo entre os gentios, ministrando o Evangelho de Deus, para que seja agradável a oferta dos gentios, santificada pelo Espírito Santo”.

Nestas passagens é de suma importância, se quisermos reter a verdade que se intenta transmitir, observar que a santificação pelo Espírito é considerada como o começo da obra de Deus na alma dos homens, conduzindo-os ao conhecimento pleno da justificação por meio da fé no sangue de Cristo.

Longe de ser “a segunda bênção”, posterior à justificação, esta é uma obra fora da qual ninguém seria salvo. Para cuidadosa de cada versículo citado.

Os coríntios tinham-se caracterizado pelos pecados que são comuns a todos os homens. Eles, como também os efésios, tinham andado “segundo o curso deste mundo” (Efésios 2.1-5), enganados pelo “espírito que agora opera nos filhos da desobediência”.

Mas uma grande transformação se operara neles. Os antigos afetos e desejos tinham sido suplantados por anelos novos e santos. A vida de

impiedade tinha mudado numa vida em que o **prosseguimento** da piedade era sua característica.

Qual a razão desta transformação? Usam-se três expressões que nos levam à plenitude da mesma. São: “lavados, santificados e justificados” e tudo isto “em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus”.

O objetivo e o subjetivo unem-se intimamente neste ponto. A obra e o caráter do Senhor Jesus Cristo, conforme são evidenciados no Evangelho, lhes haviam sido apresentados. Só Ele é o Salvador dos pecadores. Mas, ao expressar esta salvação aos homens, necessariamente o lado subjetivo tem que ser apresentado.

Os homens são imundos por causa do pecado e precisam ser “lavados”. A “lavagem da água, pela Palavra” de Efésios 5.25-26 está claramente referida aqui. A Palavra de Deus se apodera da consciência e os homens são despertados para ver a loucura e a impiedade das suas vidas, longe de Deus, e andando nas trevas.

Este é o começo de uma lavagem moral que acompanha o crente por toda a sua vida e a respeito da qual falaremos depois.

Agora bem, observe cuidadosamente que a Palavra de Deus chega a todos os homens por igual, é a mesma Palavra, mas não tem o mesmo efeito em todas as pessoas. Cristo e Sua Obra na cruz são pregados a um auditório de cem pessoas descrentes. Uma delas fica ali com o coração quebrantado, aflita pelos seus pecados e procurando a paz com Deus, enquanto que noventa e nove se retiram displicentemente.

Porque esta diferença? O Espírito Santo transmite poder à Palavra, comovendo a consciência do homem verdadeiramente convertido, sendo separado, por uma obra divina efetuada em seu íntimo, da multidão indiferente à qual antes pertencia. É aqui onde se aplica a santificação pelo Espírito.

Talvez se passe algum tempo antes que esta pessoa encontre a verdadeira paz com Deus, mas nunca mais será um pecador despreocupado. O Espírito Santo o tomou para a salvação. Isto está ilustrado de maneira muito bonita nos primeiros versículos de nossa Bíblia.

O mundo foi criado em perfeição (Isaías 45.18) no versículo 1 e é descrito como submerso numa condição de caos no versículo 2. “Sem forma e vazia” e coberta com um manto de trevas. Que quadro do homem caído e longe de Deus! Sua alma está num caos moral; seu entendimento está obscurecido; sua mente e sua consciência estão contaminadas; ele está realmente “morto em delitos e pecados”, afastado de Deus e Seu inimigo em obras más. De tudo isto pode mos falar muito bem numa terra arruinada.

Mas Deus vai refazer este mundo. Voltará a ser uma morada para o homem, um lar apropriado para ele, no decorrer do tempo. O que faz Deus para conseguir isto? O primeiro grande Agente é o Espírito e o segundo é a Palavra. “O Espírito de Deus se movia sobre a face das águas”. Passando sobre aquela cena de desolação, o Espírito Santo se pôs a “chocar” e então ouviu-se a Palavra de poder: “Disse Deus: Haja luz. E houve luz”.

O mesmo acontece na salvação do homem caído; o Espírito e a Palavra devem obrar. O tempo de incubação deve ser primeiro. O Espírito partilha vida por meio da mensagem proclamada. Ele desperta os homens e suscita neles o desejo de conhecer a Cristo, de serem libertados do poder e do pecado e de serem salvos do juízo. Após este período de incubação, e como resultado do mesmo, o coração se abre para o Evangelho em sua plenitude e, sendo este aceito, a luz brilha no interior do homem e as trevas são dissipadas.

“Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é Quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo” (2 Coríntios 4.6). Assim que nós cremos, já não somos filhos da noite, nem das trevas, mas do dia. Uma vez éramos trevas, agora somos luz no Senhor. Mas, antes que a luz resplandecesse, houve a incubação do Espírito.

E esta é a santificação a que se referem as quatro passagens agrupadas anteriormente.

Observe-se a ordem citada em 2 Tessalonicenses: “Por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito (agência divina) e fé da verdade (a Palavra de vida)”, a dissipar as trevas e introduzindo a luz do conhecimento da salvação por meio do nome do Senhor Jesus Cristo.

O mesmo acontece na passagem de 1 Pedro. Os salvos são eleitos, mas é a santificação do Espírito que os traz à obediência e ao sangue de Cristo. O conhecimento da salvação me pertence desde o momento em que o Espírito me traz ao conhecimento do sangue derramado de Cristo.

É a fé que compreende que Seu precioso sangue limpa minha alma de toda mancha, dando-me a paz. A esta oposição eu sou trazido pelo Espírito, como também a começar uma vida de obediência, como Ele obedeceu. Este é o efeito prático da santificação do Espírito.

Agora bem, é de suma importância reconhecer que a justificação não é um estado em si. Não é uma obra na alma, mas uma Obra feita por Outro a meu favor, mas inteiramente fora de mim e completamente independente de minhas inclinações e de meus sentimentos. Em outras palavras, se trata de minha posição e não de minha experiência.

A diferença entre ambas pode ser ilustrada da seguinte maneira: Dois homens comparecem perante um tribunal, acusados de terem

cometido juntos um crime. Após minuciosa pesquisa, o juiz que preside o processo os justifica a ambos. Agora estão livres. Um deles, ao escutar o pronunciamento do juiz, sente-se satisfeito. Ele temia que o veredito lhe fosse contrário e lhe horrorizava pensar nas consequências. Mas agora está feliz, pois está livre de condenação.

O outro ainda está mais inquieto e triste do que antes. Estava tão absorto em seus próprios pensamentos que não percebeu claramente o pronunciamento do juiz: “Não culpáveis”. Ele só escutou a última palavra, a qual o deixou aflito. Em sua imaginação, ele está vendo uma prisão imunda perante si, mesmo sabendo que é inocente, e passa a pronunciar palavras de desespero, até que, com muita dificuldade, conseguem fazer-lhe entender a verdadeira sentença que foi dada e, então, também ele torna-se alegre.

Afinal de contas, o que tem a ver a justificação com estes homens, com seu estado ou experiência? Aquele que escutou e creu era feliz. O que não ouviu a decisão da corte estava a seu favor. Isto sempre é justificação, quer em seu conceito bíblico, quer nas questões que afetam a vida diária. Deus justifica ao ímpio (ou o isenta) quando este crê no Senhor Jesus Cristo, o qual sofreu a condenação que ele devia sofrer, sobre a cruz. Confundir este ato judicial com o estado de alma do crente é apenas confusão.

Alguém poderá dizer: “Mas eu não me sinto justificado!”. A justificação nada tem a ver com o sentimento. A pergunta a fazer-se é: Você crê que Deus está satisfeito com Seu amado Filho como seu substituto na cruz e recebe você a Cristo como seu substituto, como seu Salvador pessoal?

Se a resposta é sim, então Deus diz que você está justificado. E, com isto, o assunto está encerrado. Deus não volta atrás em Suas palavras. Ao crer na declaração do Evangelho, a alma tem paz com Deus. Andar com Deus traz gozo e alegria e vitória sobre o pecado, num sentido prático. Mas isto é **estado** e não posição.

O Espírito que no começo vivifica e santifica, conduzindo ao conhecimento da justificação por meio da fé no que Deus diz acerca do derramamento do sangue de Cristo, agora permanece em cada crente para ser o novo poder na nova vida e para a santificação prática de cada dia.

Desta maneira, a oferta dos gentios, pobres e estrangeiros, bárbaros em todas as descrições, estranhos aos pactos da promessa, é aceitável a Deus, sendo santificada pelo Espírito Santo. Ele acompanha a pregação, o ministério da reconciliação, abrindo o coração à verdade, convencendo do pecado, da justiça e do juízo e conduzindo a uma fé pessoal no Filho de Deus.

Creio que agora está claro para qualquer pessoa que me tenha acompanhado cuidadosamente até aqui, pelo menos neste aspecto, que a santificação é erroneamente chamada “a segunda bênção”. Pelo contrário, é o começo da obra do Espírito na alma que acompanha o crente em sua vida, alcançando sua consumação na vinda do Senhor quando, então, o salvo, em seu corpo glorificado e imaculado, será apresentado irrepreensivelmente na presença de Deus.

Assim Pedro, após dizer aos cristãos a quem escreve, que estão santificados pelo Espírito, mui propriamente passa a exortá-los a serem santos porque Aquele que os salvou é santo e eles estão aqui para representá-lo.

Também Paulo, após declarar aos tessalonicenses a sua santificação, ora para que sejam inteiramente santificados. Isto seria um absurdo se tivesse sido feito quando, no princípio, o Espírito os santificou. “O mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará”. Quanto ao resultado final, não há dúvida. “Eu sei que tudo quanto Deus faz durará eternamente” (Eclesiastes 3.14). “Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo” (Filipenses 1.6).

Se perguntarem a uma perfeccionista que Escritura ele pode citar em apoio à expressão “segunda bênção”, ele se referirá a 2 Coríntios 1.15. Nesta passagem, Paulo escreve aos coríntios (que, conforme está citado várias vezes na Primeira Epístola, estavam santificados) e diz: “E com esta confiança quis primeiro ir ter convosco, para que tivésseis uma segunda graça”. Em certas versões, junto à margem se lê: “uma segunda bênção”.

Desta simples expressão, criou-se um imponente sistema. Eles ensinam que como resultado de sua primeira visita a Corinto, muitos tinham sido justificados, mas a mente carnal permanecia neles, manifestando-se de várias maneiras, razão pela qual lhes escreveu a Primeira carta. Agora, ele anseia tornar a vê-los não tanto para pregar-lhes o Evangelho, antes para realizar algumas “reuniões de santidade” a fim de que fossem santificados.

É uma teoria bem engenhosa, sem dúvida! Mas toda ela cai por terra quando o estudioso das Escrituras observa que os santos carnis da Primeira Epístola estavam santificados em Cristo Jesus (1.2); tinham recebido o Espírito de Deus (2.12); eram habitados por este mesmo Espírito (3.16) e, como já notamos, tinham sido lavados, santificados e justificados “em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus” (6.11).

Qual era, então, a segunda bênção que o apóstolos desejava para eles? Para começar, diremos que não se tratava em absoluto **da** segunda bênção, mas **de uma** segunda bênção. Os coríntios tinham sido abençoados por seu ministério entre eles, em sua primeira visita, tendo aprendido de seus lábios e visto, manifestada em seu comportamento, a verdade de Deus.

Como qualquer pastor que é realmente de verdade e de coração, ele ansiava visitá-los novamente, para uma vez mais ministrar-lhes a Palavra a fim de que pudessem receber bênção ou benefício na segunda ocasião.

O que poderia ser mais simples, se a mente não estivesse confundida por um ensino errado, que leva as pessoas a lerem seus próprios pensamentos nas Escrituras, em vez de aprender nelas?

Desde o momento de sua conversão, os crentes “estão abençoados com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais com Cristo” e o Espírito nos é dado para nos guiar e desfrutar o bem que já é nosso. “Tudo é vosso” foi escrito não para pessoas perfeitas em sua conduta, mas aos mesmos coríntios que temos estado considerando e isto mesmo antes que recebessem, por intermédio do apóstolo Paulo, um segundo benefício.

oOo

SANTIFICAÇÃO – RELATIVA

Nada estabelece com mais clareza a tese em que temos estado insistindo, isto é, que a santificação não é erradicação de nossa natureza pecaminosa, do que a maneira como a palavra é usada relativamente onde está positivamente demonstrado que não se considera que nenhuma obra tenha sido realizada na alma do que é santificado.

Tendo considerado cuidadosamente o aspecto absoluto e o aspecto prático da santificação, sem os quais é irreal qualquer profissão de fé, poderia ser proveitoso agora considerar o que Deus tem a nos dizer sobre esta santidade simplesmente exterior ou relativa.

No capítulo sobre a santificação pelo sangue já temos visto que uma pessoa pode, em certo sentido, estar santificada pela sua associação e, apesar disto, ser irreal durante todo este tempo e, finalmente, converter-se num apóstata.

Também é verdade que, em outro sentido, se diz que pessoas santificadas por associação e que são objeto de orações ardentes e

fervorosas, podem ser verdadeiramente salvas, mas já são santificadas antes disso.

O capítulo 7 de Primeira Coríntios é a passagem que agora deve ocupar nossa atenção. Ela contém a instrução mais completa em relação a relações matrimoniais de que lemos na Bíblia. “Aos casados, mando, não eu mas o Senhor, que a mulher não se aparte do marido. Se, porém, se apartar, que fique sem casar, ou que se reconcilie com o marido; e que o marido não deixe a mulher”. Em relação a isto, o Senhor já tinha dado instruções, conforme registrado em Mateus 19.1-12.

Devido à difusão do Evangelho entre os pagãos gentios, tinha surgido uma situação em muitos lugares que parecia que as palavras do Senhor não eram suficientes para resolver, já que estas palavras tinham sido dirigidas aos judeus, que eram um povo inteiramente separado para o Senhor.

O problema que logo começou a criar dificuldades na igreja era este: Suponhamos o caso (e havia muitos casos assim) em que uma mulher pagã se converte a Deus, mas seu marido permanece sendo idólatra ou vice-versa. Assim sendo, o cônjuge cristão pode permanecer em relação matrimonial com a esposa, ou com o marido, sem contaminar-se? Para o judeu, só pensar no problema já constituía uma ofensa.

Nos dias de Esdras e de Neemias, alguns dos remanescentes dos exilados tinham tomado para si mulheres de entre as nações que os rodeavam e o resultado foi a confusão. “Seus filhos falavam meio asdodita, e não podiam falar judaico, senão segundo a língua de cada povo” (Neemias 13.24).

Este estado de coisas era abominável para os piedosos dirigentes espirituais do povo, os quais não descansaram até que as esposas estrangeiras tinham sido expulsas de entre eles e, juntamente com elas, seus filhos, os quais foram considerados igualmente como imundos e como uma ameaça à pureza de Israel.

Considerando apenas o Antigo Testamento, podemos considerar estranho que alguns zelosos e bem intencionados legalistas de Jerusalém tinham ido atrás das igrejas dos gentios pregando uma cruzada contra toda contaminação deste tipo, separando famílias por toda parte, aconselhando esposos convertidos a mandar embora suas esposas não convertidas e a negar-lhes o reconhecimento de seus filhos, considerando-os como resultado de uma associação imunda.

Como também insuflando as mulheres cristãs a recusarem os abraços de seus maridos idólatras e, apesar do que eles pudessem significar para seus afetos, mandando-as abandonar o fruto de seu ventre como um supremo sacrifício ao Deus de santidade.

Foi para evitar que as coisas chegassem a tal ponto que os versículos que seguem aos já considerados foram escritos por inspiração do Senhor de toda graça. O Senhor ainda não tinha falado em relação a este assunto porque o momento de fazê-lo ainda não tinha chegado.

Portando, Paulo agora escreve: “Mas aos outros digo eu, não o Senhor: Se algum irmão tem mulher descrente e ela consente em habitar com ele, não a deixe. E se alguma mulher tem marido descrente, e ele consente em habitar com ela, não o deixe. Porque o marido descrente é santificado pela mulher e a mulher descrente é santificada pelo marido; doutra sorte, os vossos filhos seriam imundos, mas agora são santos. Mas, se o descrente se apartar, aparte-se; porque neste caso o irmão ou irmã não está sujeito à servidão, mas Deus chamou-nos para a paz. Porque donde sabes, ó mulher, se salvarás teu marido? Ou donde sabes, ó marido, se salvarás tua mulher?” (1 Coríntios 7.12-16).

Que exemplo temos aqui do maravilhoso poder da graça! Sob a lei, o cônjuge imundo contaminava ao que estava santificado. Sob a graça, o salvo santifica ao imundo!

A família é uma instituição divina, mais antiga do que as nações, antes do que Israel, anterior à Igreja. O que encontramos aqui, como também em outras Escrituras, indica claramente que é a vontade de Deus salvar o Seu povo por famílias. Ele não deseja violar as ligações naturais que Ele mesmo criou. Ao salvar, reserva bênçãos especiais para toda a família. Isto não afeta a responsabilidade individual. A salvação, claro está, “não vem do sangue”, mas é o pensamento de Deus libertar as famílias do Seu povo, juntamente com eles.

É por isto que Deus diz que a salvação de um dos pais santifica ao outro e que os filhos são também santificados.

Será que houve alguma mudança **dentro** de tais pessoas? Não, em absoluto. Podem estar completamente perdidas, amando ainda sua vida de maldade, desprezando a graça e sem nenhum temor ao juízo de Deus. No entanto, são santificados!

Como concorda isto com o ponto de vista dos perfeccionistas sobre a santificação? Porque é evidente que, conforme o uso da palavra aqui, não pode significar uma limpeza interior. O sistema perfeccionista cai inteiramente. O fato é que o sistema perfeccionista tem dado à palavra um significado arbitrário que etimologicamente é incorreto, escriturísticamente é incerto e experimentalmente é falso.

No caso presente, a santificação é clara e completamente **relativa**. A posição do restante da família é mudada pela conversão de um dos pais. Este agora já não é mais um lar pagão, mas um lar cristão. Esta família já não mora mais nas trevas, mas na luz. Não quero que me

entendam mal aqui. Não estou falando de luz e de trevas como indicando capacidade ou incapacidade espirituais. Estou referindo-me à responsabilidade exterior.

Num lar pagão tudo é trevas; nele absolutamente não brilha a luz. Mas o que sucede num lar quando um dos cônjuges se converte? Imediatamente se acende um candeeiro naquela casa, o qual, queiram ou não, ilumina a cada um dos membros. Agora ocupam um lugar de privilégio e de responsabilidade ao qual até agora tinham sido estranhos. E tudo isto sem que nenhuma obra de Deus tenha sido efetuada em sua alma, mas simplesmente visando a conversão deles.

Muitas vezes, a conversão do cônjuge é a maneira de Deus manifestar Seu desejo de mostrar graça para com toda a família, como o foi no caso do carcereiro de Filipos. Ele fez com que seus servos declarassem: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo tu e a tua casa”.

Estas últimas palavras não garantem a salvação da família, mas no mesmo instante levam ao coração do carcereiro a convicção de que o mesmo caminho que se abriu para sua salvação está aberto também para a salvação de sua família e que Deus quer que conte com Ele até ao fim. Os membros de sua família foram santificados no momento em que ele creu e logo o gozo inundou toda a casa, ao responderem todos à graça proclamada.

Este é, pois, o ensino das Sagradas Escrituras em relação à santificação relativa – um assunto frequentemente ignorado ou passado por alto, mas de profunda solenidade e importância para os membros membros cristãos de famílias nas quais ainda há membros descrentes.

“Donde sabes, ó mulher, se salvarás teu marido? Ou, donde sabes, ó marido se salvarás tua mulher?”. Trabalhem, orem e vivam para Cristo perante a família cada dia, sabendo que, por seu intermédio, Deus os tem santificado e espera salvá-los quando eles vejam sua necessidade e confiem em Sua graça.

Nestas páginas não posso estender-me mais sobre este assunto já que tiraria a atenção sobre o tema principal do livro. Confio que o mais simples e menos instruído dos meus leitores poderá agora compreender que a santificação e a impecabilidade devem, pela própria natureza do caso, ser palavras anti-éticas.

Com isto, chego ao fim do exame da palavra intrínseca “santificação”, segundo as Escrituras. Porém, de modo algum isto esgota o assunto. Seria necessário examinar outras palavras, cujo significado os perfeccionistas consideram como sinônimas desta e por elas ensinam sua teoria favorita da completa destruição da mente carnal nos que são santificados.



SANTIFICAÇÃO PELA PALAVRA DE DEUS – RESULTADOS EXTERNOS

Em Sua oração intercessória, no capítulo 17 do evangelho de João, nosso Senhor diz: “Não são do mundo, como Eu do mundo não sou. Assim como Tu Me enviaste ao mundo, também Eu os enviei ao mundo. E por eles Me santifico a Mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade” (João 17.16-19).

Esta preciosa passagem pode ser muito apropriada para a introdução ao tópico da santificação prática – a justa ordenação de nossa conduta exterior – e a conformação de tudo à vontade revelada de Deus.

Antes de prosseguirmos, seria muito bom que fixássemos nossa mente que a santificação pela Palavra está intimamente relacionada com a santificação do Espírito, para a qual nossa atenção já foi dirigida. O Espírito atua dentre de nós. A Palavra, a qual está fora, é, no entanto, o meio usado para efetuar a obra dentro de nós.

Tenho tratado dos dois aspectos separadamente a propósito a fim de deixar mais claro em nossa mente a diferença entre a santificação do Espírito em nós (a qual constitui o começo da obra de Deus em nossas almas) e a aplicação da Palavra a seguir, em relação à nossa conduta exterior.

O novo nascimento é nossa introdução na família de Deus; entretanto, mesmo nascidos de novo, podemos permanecer nas trevas em relação a muitas coisas e necessitamos da luz da Palavra para esclarecer nossas mentes extraviadas. Por meio da santificação do Espírito somos trazidos ao sangue derramado e compreendemos que só a morte de Cristo pode ser proveitosa para nossos pecados.

Somos santificados pela morte de Cristo e estamos em condições de apreciar nossa posição perante Deus. Agora é que a vida de fé começa verdadeiramente e daqui para a frente precisamos diariamente da santificação pela verdade, isto é, pela Palavra de Deus de que nos fala o Senhor no trecho já citado.

Evidentemente, esta não pode ser erroneamente chamada “uma definida segunda obra de graça”. Pelo contrário, é uma vida – uma obra progressiva que segue sempre adiante, que deve sempre seguir adiante até que eu tenha deixado para trás a cena que preciso de instrução diária quanto à minha maneira de viver, a qual só a Palavra de Deus me pode proporcionar.

Se a santificação, em seu aspecto prático, é pela Palavra, nunca serei completamente santificado neste sentido, até conhecê-la perfeitamente, sem que a esteja infringindo em algum aspecto. Enquanto esteja neste mundo, preciso nutrir-me desta Palavra, para entendê-la melhor, para compreender melhor seu significado e, à medida que através dela conheço melhor a mente de Deus, sou chamado diariamente a julgar em mim mesmo tudo o que é contrário à luz que estou recebendo e a render-Lhe hoje mais obediência do que ontem. Desta maneira sou santificado pela Palavra.

Com esta mesma finalidade é que o Senhor Se santificou ou Se separou a Si mesmo. Subiu ao céu para, desde lá, velar pelos Seus, para ser nosso Sumo Sacerdote perante Deus, diante de nossas fraquezas, e também nosso Advogado para com o Pai, por causa de nossos pecados. Ele está ali também como o Amado de nossos corações.

Agora somos exortados a correr com paciência a nossa carreira, olhando para Cristo, com o Espírito dentre de nós e com a Palavra em nossas mãos para ser lâmpada para nossos pés e luz para o nosso caminho. À medida que a consideramos e que vamos sendo dirigidos por sua preciosa verdade, verificada no poder do Espírito, somos santificados por Deus Pai e por nosso Senhor Jesus Cristo mesmo.

Em João 17, Ele mesmo pede ao Pai: “Santifica-os na verdade”. Em Efésios 5.25-26, Lemos: “Cristo amou a Igreja e a Si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem de água, pela Palavra”. Aqui, Cristo é o santificador, pois Ele mesmo pôde dizer: “Eu e o Pai somos Um”. Aqui, como em João, a santificação é claramente progressiva e esta lavagem de Efésios está proveitosamente ilustrada no capítulo 13 de João.

Nesta passagem vemos nosso Senhor, plenamente consciente de ser o Filho eterno, descendo até o lugar de servo, cingido para lavar os pés dos Seus discípulos. A lavagem dos pés é indicação de limpeza de conduta e toda a passagem constitui um quadro simbólico da Obra na qual Ele tem estado ocupado desde Sua ascensão ao céu.

Ele tem estado preservando os pés dos santos, limpando-os da sujeira do caminho, das manchas de terra que estão prestes a aderir aos pés dos que caminham com sandálias, do peregrino que anda pelas estradas desta terra.

Ele diz a cada um de nós, como disse a Pedro: “Se Eu não te lavar, não tens parte comigo”. Parte **em** Ele a temos na base da Sua obra expiatória e como resultado da vida que Ele nos dá. Parte **com** Ele, ou comunhão diária, a possuímos somente na medida em que estejamos santificados pela água, isto é, pela Palavra.

Que toda a cena foi alegórica é evidente por Suas palavras a Pedro: “O que Eu faço não o sabes tu agora, mas tu o saberás depois”. A

lavagem literal dos pés era conhecida e entendida por Pedro. A lavagem espiritual dos pés Pedro a conheceu quando foi restaurado pelo Senhor, após sua lamentável queda. Naquele dia é que compreendeu as palavras: “Aquele que está banhado não necessita de banhar se não os pés, pois no mais está todo limpo”.

O seu significado não é difícil de compreender. Cada crente está lavado uma vez e para sempre, na “lavagem da regeneração” (Tito 3.5). Este banho não se repete. Ninguém que já tenha nascido de novo poderá perder-ser, porque possui uma vida que é eterna e, portanto, inconfiscável (João 10.27-29).

Caso eu fracasse ou peque, não preciso ser salvo outra vez. Isto significaria ser banhado mais uma vez. Quem já está banhado não precisa banhar-se de novo pelo fato de seus pés se terem sujado. Só terá que lavá-los e estará limpo.

Isto mesmo acontece com o cristão. Temos sido regenerados uma vez e nunca o seremos uma segunda vez. Mas quantas vezes falharmos, tantas vezes teremos que julgar-nos a nós mesmos pela Palavra, a fim de que estejamos limpos em nossa maneira de viver.

Quanto mais lugar dermos a esta Palavra em nossas vidas, diariamente, tanto mais seremos guardados da contaminação e gozaremos de uma ininterrupta comunhão com nosso Senhor e Salvador. “Como purificará o mancebo o seu caminho?”, pergunta o salmista. E ele mesmo responde: “Observando-o conforme a Tua Palavra” (Salmo 119.9).

Como é necessário então esquadrihar as Escrituras e obedecer sem reservas o seu ensino, a fim de sermos santificados pela verdade! No entanto, quanta indiferença se vê em relação a elas! E tudo isto unido a uma profissão de santidade na carne!

Em 1 Tessalonicenses 4.3 há uma passagem que, separada do contexto, muitas vezes se considera decisiva para provar que é possível ao crente conseguir um estado de absoluta liberdade do pecado inato, neste mundo. “Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação”. Quem pode negar-me o direito a uma perfeita santidade, se a santidade significa isso e essa é a vontade de Deus para minha vida? Certamente, ninguém. Mas já vimos que santificação nunca significa isso e neste trecho menos do que em qualquer outro.

Leiam-se os oito primeiros versículos, os quais formam um parágrafo completo. Julgue-se depois. O assunto aqui tratado é a pureza pessoal. A santificação de que se fala aqui é guardar o corpo de práticas impuras e a mente da lascívia.

A mais grosseira imoralidade sempre esteve unida e chegou a fazer parte do culto dos ídolos. A mitologia grega deifica as paixões do homem caído e estes cristãos de Tessalônica acabavam de deixar os ídolos e

serem convertidos “a Deus para servir o Deus vivo e verdadeiro”. Daí a necessidade desta exortação especial aos santos recém convertidos, os quais estavam vivendo entre aqueles que vergonhosamente praticavam estas coisas.

E pensar que isto seja invocado como prova da libertação do pecado inato! Os santos, como povo de Deus, devem caracterizar-se por um vida limpa e não por uma vida maculada pelas concupiscências da carne.

Outro aspecto desta santificação prática é citado para nossa consideração em 2 Timóteo 2.19-22. Poderíamos chamá-la de santificação eclesial, pois tem relação com a atitude do crente num dia em que a corrupção está entronizada entre os cristãos professos e a igreja em geral, vista como a casa de Deus, está arruinada e convertida numa grande casa onde o bem e o mal estão juntos.

É bem solene pensar que aqui e em outras Escrituras, quem quer andar com Deus é chamado a separar-se das associações impuras e da comunhão com multidões misturadas, mesmo que estejam no meio da que se chama a si mesma a Igreja; existem muitos que dizem “viver sem pecado”, os quais, apesar de estar em “igrejas” (e em outras formas de ajuntamento) com descrentes, e não são santos em sua vida e nem são na sua fé.

Para benefício dos tais, será bom examinar detalhadamente a passagem citada. Nos parágrafos a seguir, usarei matéria que escrevi há algum tempo sob o título: “De que somos chamados a limpar-nos em 2 Timóteo 2?”

O apóstolo tem estado chamando a atenção de Timóteo para a evidência de uma apostasia crescente. Adverte-o contra a contenda de palavras (v.14), contra falatórios inúteis (v. 16) e aponta dois homens Himeneu e Fileto, no v. 17, os quais se dedicaram a ímpias especulações e por elas, ainda que aceitos por muitos como mestres cristãos, transtornaram a fé de alguns.

E isto é apenas o começo, como o demonstra no capítulo seguinte, porque “os homens maus e enganadores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados” (3.13).

Reparo que o primeiro versículo do capítulo 3 segue o versículo 18 do capítulo 2 de maneira ordenada.

O apóstolo vê em Himeneu e Fileto o começo de uma terrível colheita de iniquidade que logo teria de sufocar tudo o que é de Deus. Sigam estes homens, escutem-nos, comuniquem-se com eles, deem-lhes a aprovação de alguma maneira e logo perderão toda a capacidade para discernir entre o bem e o mal e para “separar o que é precioso do que não o é”.

Antes de apresentar o quadro completo das condições que rapidamente estavam infiltrando-se, se dá a Timóteo uma palavra de alento e de instrução em relação ao caminho que ele mesmo devia seguir quando as coisas chegassem a um estado em que já não fosse possível limpar o mal da igreja visível.

“Todavia, o firme fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são Seus e qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade” (v. 19). Este é o incentivo para a fé e aqui também vemos a responsabilidade dos fiéis no dia da ruína.

A fé diz: Cresça o mal quanto quiser, abunde a iniquidade e esfrie-se o amor de muitos, seja absorvido pela apostasia tudo o que parece ser de Deus na terra; no entanto, o fundamento de Deus permanece firme porque Cristo declarou: “Sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mateus 16.18).

Isto esclarece a questão da responsabilidade. Eu não posso permanecer vinculado ao mal, protestando, talvez, mas tendo comunhão com ele, ainda que com reservas. Não posso. Sou chamado a me separar dele. Ao fazer isto, pode ser que pareça que estou separando-me de amados filhos de Deus e de queridos servos de Cristo. Mas esta atitude é necessária se é que eles não julgam o estado de apostasia.

Para deixar clara minha responsabilidade, usa-se uma ilustração no versículo 20: “Numa grande casa não somente há vasos de ouro e de prata, mas também de pau e de barro; uns para honra, outros, porém, para desonra”. A “grande casa” é a cristandade em sua condição atual, onde o bem e o mal, os salvos e os perdidos, o santo e o impuro, estão todos misturados.

Em 1 Timóteo 3.15 lemos: “A casa de Deus, que é a Igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade”. Isto é o que a Igreja devia ter sido sempre! Mas, que pena! Logo se desviou de tão bendito ideal e se converteu em uma grande casa de homem, na qual existe toda espécie de vasos, feitos de materiais diversos e para múltiplos usos.

Há vasos de ouro e de prata para serem usados na sala de jantar; há vasos de madeira e de barro para serem usados na cozinha e em outras dependências, os quais, muitas vezes, deixa-se que fiquem bem sujos e muitas vezes se mantêm distantes das luxuosas vasilhas usadas nos quartos superiores.

“De sorte que, se alguém se purificar destas coisas, será vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor, e preparado para toda boa obra” (v. 21).

A parábola tem sua aplicação aqui. Pode notar-se que os vasos são **pessoas**. Assim como o prato valioso pode permanecer sujo, ficando junto a um monte de utensílios de cozinha, esperando ser lavado e

então cuidadosamente separado dos vasos destinados a usos mais vulgares, da mesma maneira Timóteo (e qualquer outra alma verdadeiramente exercitada) é chamado a separar-se a “limpar-se” desta mistura, para que possa ser realmente “vaso para honra, **santificado** e idôneo para uso do Senhor e preparado para toda a boa obra”.

Está bem claro que esta “santificação” é bem diferente da obra do Espírito na alma no começo da nova vida como também é diferente da obra de Cristo na cruz, por meio da qual somos separados eternamente para Deus. Esta santificação é uma coisa prática, relacionada com a questão de nossa associação como cristãos. Deixem-me prosseguir com a ilustração e tudo ficará claro.

O dono de uma grande casa traz um amigo para sua casa. Deseja servir-lhe um refresco. Dirige-se ao guarda-louça para apanhar um copo de prata, mas não encontra nenhum. Chama um empregado e lhe pergunta onde pode conseguir tal copo. Ah, aqueles copos de luxo estão lá embaixo, na cozinha, esperando ser lavados e separados do restante da louça usada pela família! O dono da casa, indignado, manda seu empregado buscar um dos tais copos, o qual logo está de volta, trazendo-o limpo e separado dos outros copos engordurados que lá ficaram. Agora, limpo e separado desta maneira aquele copo está em condições de ser usado pelo dono da casa.

O mesmo acontece em relação com o homem de Deus, que foi limpo de tudo que é contrário à verdade e à santidade de Deus. Ele é santificado ou separado e, desta maneira, se converte num cristão “idôneo para uso do Senhor”.

É bom deixar bem claro que a separação não é suficiente. Parar por aqui poderia converter uma pessoa num fariseu da pior estirpe como, efetivamente e infelizmente, tem acontecido frequentemente.

Mas aquele que se separou do mal agora é aconselhado a “foge também dos desejos da mocidade e segue a justiça, a fé, a caridade e a paz para com os que, com um coração puro, invocam o Senhor” (v. 22). Para conseguir isto, quão é necessária a aplicação divina da Palavra de Deus, no poder do Espírito e todos os nossos passos!

Isto, como já temos visto constitui a verdadeira lavagem dos pés. Por meio da Palavra somos limpos no novo nascimento. “Vós já estais limpos pela Palavra que vos tenho falado”. Esta Palavra é comparada à água pelo seu efeito purificador e refrescante exercido sobre aquele que se submete a ela.

Nela encontro instrução para cada detalhe da vida de fé. Ela me ensina como devo comportar-me entre a família, na igreja e no mundo. Se a obedição, a contaminação desaparece a minha vida; tal qual a aplicação da água limpa meu corpo da sujeira material.

Jamais conseguirei um estado tão superior na terra que me permita dizer honestamente: “Agora estou inteiramente santificado; já não necessito mais que a Palavra me limpe”. Enquanto estou na terra, sou exortado: “Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hebreus 12.14). Esta passagem corta pela raiz qualquer teoria perfeccionista. Apesar disto, nenhum outro versículo é mais citado, ou melhor, mais mal citado e com maior frequência, nas reuniões da pretensa “santidade”.

Observe-se cuidadosamente o que aqui nos é ordenado. Temos de **seguir** duas coisas: paz com todos os homens e santidade. Quem não segue isto, nunca verá o Senhor. Mas nunca seguimos aquilo que já alcançamos. Quem é que já conseguiu paz com todos os homens? Quantos têm que exclamar, como o salmista: “Pacífico sou, mas em eu falando já eles estão em guerra” (Salmo 120.7).

E quem é que já alcançou a santidade em seu sentido pleno? Nem você amado leitor e nem eu. “Todos tropeçamos em muitas coisas” (Tiago 3.2). Mas cada crente verdadeiro, cada alma realmente convertida, todo o que já recebeu o Espírito de adoção, esse sim, **segue** a santidade e anela pelo momento quando, na segunda vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, “Ele transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o Seu corpo glorioso, segundo o Seu eficaz poder de sujeitar também a Si todas as coisas” (Filipenses 3.21).

Então teremos alcançado nossa meta. Então teremos chegado a ser absolutamente, e para sempre, santos.

Por isso, quando o apóstolo escreve aos tessalonicenses, tendo em vista tão glorioso acontecimento, ele diz: “Abstende-vos de toda aparência do mal. E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará” (1 Tessalonicenses 5.22-24).

Esta será a grande consumação para todos os que aqui na terra, como estrangeiros e peregrinos, seguem a paz e a santidade e, desta maneira, manifestam a natureza divina e os frutos do Espírito.

Mas, enquanto os tais permanecem no deserto deste mundo, precisam recorrer diariamente à lavagem da água – a Palavra purificadora de Deus – a qual estava, antigamente, entre o altar e o lugar santo.

Quando todos estejamos reunidos em nosso lar, no céu, já não necessitaremos mais de água para livrar-nos da contaminação. Naquela cena de santidade, não existe a lavagem; perante o trono, João viu um mar de vidro, claro como o cristal, sobre o qual estavam os redimidos, tendo terminado suas lutas e provações.

Assim vemos que por toda a eternidade descansaremos sobre a Palavra de Deus como um mar de cristal, não mais necessária para a nossa santificação, pois seremos apresentados irrepreensíveis perante a Sua glória com grande alegria.

*“Cumprir-se-á nosso anseio
O dia em que, sem véu,
Veremos no céu
Ao Senhor Jesus”.*

oOo

SANTIFICAÇÃO PELO SANGUE DE CRISTO – ETERNA

A grande tese da Epístola aos Hebreus é aquele aspecto da santificação que se chama posicional ou absoluto. Nele não se trata de uma obra prodigiosa consumada pelo Filho de Deus quando a Si mesmo Se ofereceu para tirar nosso pecado, na cruz do Calvário.

Em função deste sacrifício, o crente é separado para Deus para sempre, sua consciência é purificada e ele mesmo é transformado de um pecador imundo em um santo adorador, unido com o Senhor Jesus Cristo numa relação permanente. “Porque, assim o que santifica, como os que são santificados, são todos de um; por cuja causa não se envergonha de lhes chamar irmãos” (Hebreus 2.11).

De acordo com 1 Coríntios 1.30, eles estão “em Cristo Jesus, o qual por nós foi feito... santificação” e “são aceitos no Amado”. Deus os vê nEle e olha para eles como se estivesse olhando para Seu Filho. “Qual é Ele, somos nós também neste mundo” (1 João 4.17).

Este não é nosso estado. Nenhum crente jamais tem sido inteiramente semelhante ao Senhor Jesus Cristo em relação à sua conduta prática. A melhor experiência cristã e a mais elevada nunca alcançaria esta meta. Mas, em relação à nossa posição, Deus nos considera “como Ele é”.

A base de tudo isto é o derramamento de Seu sangue. “Jesus, para santificar o Seu povo pelo Seu próprio sangue, padeceu fora da porta” (Hebreus 13.12). Por nenhum outro meio podíamos ser purificados de nossos pecados e separados para Deus.

O argumento principal da Epístola desenvolve-se plenamente nos capítulos 8 a 10, inclusive. Ali os dois pactos são contrastados. O antigo pacto exigia do homem o que nunca conseguiu dele, isto é, perfeita

obediência, porque o homem não tinha condições. O novo pacto garante toda bênção por meio da Obra de Cristo e do conhecimento disto surge o desejo de obedecer da parte do que recebe tal graça.

Na antiga dispensação existia um santuário terreno e, relacionadas com ele, havia ordenanças de caráter carnal, as quais, no entanto, prefiguravam bens vindouros – as mesmas bênçãos que agora nós temos o privilégio de entrar no seu gozo. Mas, no Tabernáculo, Deus encerrou-Se a Si mesmo, fora da vista do pecador e habitou no lugar santíssimo. O homem foi excluído daquele lugar.

Só uma vez por ano é que um elemento representativo, o sumo sacerdote, entrava na presença de Deus, “mas não sem sangue”. Cada ano, no grande Dia da Expição, era efetuado o mesmo ritual, e nenhum dos sacrificios oferecidos sob a lei podia tirar um único pecado, “nem podia fazer perfeito, quanto à consciência, ao que servia com eles”.

A perfeição de que fala a Epístola aos Hebreus, diga-se de passagem, não é a perfeição de caráter ou de experiência, mas a perfeição quanto à consciência. Esta é a grande questão com que nos defrontamos aqui: Como pode um pecador imundo, com uma consciência impura, conseguir uma consciência que não o acuse agora, antes que lhe permita aproximar-se de Deus sem impedimento?

O sangue dos touros e dos bodes não podia conseguir isto. As obras da lei não podiam conseguir tal favor. A prova disto está na história de Israel, pois os contínuos sacrificios demonstraram que nenhum sacrificio que fosse capaz de limpar a consciência ainda se tinha oferecido. “Doutra maneira, teriam deixado de se oferecer, porque, purificados, uma vez os ministrantes, nunca mais teriam consciência de pecado” (Hebreus 10.2).

Quão pouca penetração têm em palavras como estas os professantes da chamada “santidade”! “Limpos de uma vez”. “Sem mais consciência de pecado”! Que significam tais expressões? Alguma coisa, amado leitor, que, se aceita pelos cristãos em geral, nos livraria de todas as suas desconfianças, de todas as suas dúvidas e de todos os seus temores.

Os sacrificios oferecidos segundo a lei careciam do valor requerido para a expiação do pecado. Comprovado isto plenamente, o próprio Cristo veio a este mundo para fazer a vontade de Deus, como está escrito no rolo do livro.

Fazer esta vontade significou para Ele descer até a morte e derramar Seu sangue para nossa salvação. “Na qual vontade temos sido santificados pela oblação do corpo de Cristo, feita uma vez” (Hebreus 10.10). Observe-se que nossa santificação e Sua única oferenda permanecem juntas. Cremos na Palavra e Deus declara que “somos

santificados”. Aqui não existe crescimento, nem progresso e nem uma segunda obra. Trata-se de um grande **feito** cumprido nos cristãos.

Esta santificação é eterna em caráter porque a obra de nosso grande Sacerdote foi feita perfeitamente e não será repetida, conforme é dito nos seguintes versículos: “Porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados” (Hebreus 10.14).

Estas palavras poderiam ser mais claras ou sua linguagem mais expressiva? Quem duvida disto está demonstrando ou que não quer crer ou que teme confiar em verdade tão surpreendente!

Este único sacrifício efetivamente purifica a consciência de uma vez para sempre, de maneira que o crente inteligente agora pode alegrar-se na segurança de que está para sempre limpo de sua culpa e imundícia pelo derramamento do sangue de Jesus Cristo. Desta maneira, e só desta maneira, os santificados são aperfeiçoados para sempre, em relação à consciência.

Uma ilustração simples pode ajudar a qualquer um que tenha dificuldade em relação a esta expressão tão peculiar na Epístola aos Hebreus: “uma consciência limpa”. Um indivíduo está em dívida em relação a outro, o qual já lhe pediu uma e outra vez para acertar a dívida. Não podendo pagar, e porque mal gastou seus bens de maneira insensata, o seu credor tem conhecimento disto e o devedor sente-se infeliz quando está na sua presença.

Surge no devedor o desejo de acertar as contas, mas não tem condições para isto e sua consciência está inquieta. Mas eis que surge alguém que sai a favor do devedor e salda inteiramente sua dívida, entregando ao pobre homem um recibo de quitação, que o livra da dívida. Será que o devedor agora tem medo de encontrar-se com o credor? Evitará encontrar-se com ele? Absolutamente não. E por que? Porque agora tem uma consciência perfeita ou limpa em relação ao assunto que outrora o inquietava.

É assim mesmo que a Obra do Senhor Jesus Cristo afrontou todas as demandas justas de Deus contra o pecador. Agora, o crente, descansando no testemunho divino em relação ao valor desta obra, está limpo pelo sangue de Cristo e “aperfeiçoado para sempre” perante os olhos do Santo. Está santificado por este sangue e eternamente.

Tendo passado do poder de Satanás para Deus, agora tem o perdão dos pecados e recebe a certeza de uma herança entre aqueles que são santificados pela fé em Cristo Jesus (Atos 26.18). Mas existe uma expressão, usada mais adiante no capítulo, que ainda pode deixar perplexos e desorientar àqueles que não compreenderam que uma coisa é **profissão** e outra é **possessão**.

Para entendermos bem isto, é necessário examinarmos a passagem toda, que passo a citar inteiramente, chamando a atenção para a

expressão a que me refiro: “Porque, se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados, mas uma certa expectativa horrível de juízo e ardor de fogo, que há de devorar os adversários. Quebrantando alguém a lei de Moisés, morre sem misericórdia, só pela palavra de duas ou três testemunhas. De quanto maior castigo cuidais vós será julgado merecedor aquele que pisar o Filho de Deus, e tiver por profano **o sangue do testamento, com que foi santificado**, e fizer agravo ao Espírito da graça?” (Hebreus 10.26-29).

No que já dissemos verificamos que aquele que é santificado pela única oferta de Cristo, na cruz, isto é, pelo Seu precioso sangue, está aperfeiçoado para sempre. Mas nesta passagem também está bem claro que aquele que considera imundo o sangue do testamento, pelo qual foi santificado, estará perdido para sempre.

Para que não tenhamos em pouca conta isto para nossas almas, é necessário que demos atenção ao que chamamos de “santificação posicional”. Antigamente, todo o povo de Israel, assim como os que estavam associados com ele, foram separados para Deus, tanto na noite da Páscoa, como mais tarde no deserto.

Mas isto não implicou numa obra do Espírito em suas almas. Muitos estavam, sem a menor dúvida, nas casas que foram protegidas pelo sangue naquela noite solene quando um anjo destruidor passou por entre eles para ferir os primogênitos não protegidos pelo sangue, mesmo sem ter uma fé real em Deus.

Mesmo assim, eles foram colocados, pelo sangue do cordeiro, em um lugar de bênção, uma posição na qual participaram de muitos privilégios sagrados.

O mesmo aconteceu mais tarde em relação àqueles que estiveram sob a nuvem e passaram pelo mar, sendo batizados a Moisés na nuvem e no mar. Todos estavam na mesma posição. Todos participaram das mesmas bênçãos exteriores. Mas o deserto foi o lugar da prova, o qual demonstrou logo quais eram os verdadeiros israelitas e quais não o eram.

No tempo presente, Deus não tem uma nação especial. Se a tivesse, aliar-se com ela implicaria uma posição de aproximação com Ele, exteriormente. Mas Ele possui um povo redimido para Ele, formado de pessoas de todas as classes, povos e nações, pelo sangue precioso do Cordeiro de Deus.

Todos os que se unem a esta companhia estão, exteriormente, entre os refugiados sob o sangue; neste sentido, estão santificados pelo sangue do testamento. Este sangue representa o cristianismo, o qual em sua essência proclama a salvação por meio da morte expiatória de Cristo. Assumir a posição cristã é, portanto, como entrar na casa em

cujo batente foi aplicado o sangue. Todos os que são reais em sua profissão de fé, os que se julgam a si mesmos perante Deus e verdadeiramente têm confiado em Sua graça, permanecerão dentro da casa.

Se alguém sai da casa está provando a irreabilidade da sua profissão; este não pode encontrar outro sacrifício pelos seus pecados, pois todas as ofertas típicas apontam para Cristo. “Saíram de nós, mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, ficariam conosco, mas isto é para que se manifestasse que não são todos de nós” (1 João 2.19).

Estes falsos professantes posicionalmente foram santificados, mas, como nunca tiveram fé em sua alma, “saíram” e, desta maneira, afrontaram o Espírito da graça e consideraram por imundo o sangue do testamento, com o qual tinham sido santificados. Estes pecaram voluntariamente abjurando ou apostatando do cristianismo, depois de estarem familiarizados com a gloriosa mensagem que este traz aos perdidos.

Quando ocorre isto e a alma está realmente repousando em Cristo, a santificação posicional se converte em eterna porque o santificado e o Santificador, como já vimos, unem-se por um laço indissolúvel. Cristo mesmo lhes é feito sabedoria e isto de uma maneira tríplice: Ele é sua justiça, sua santificação e sua redenção.

Eis aqui santidade! Eis aqui uma justiça inexpugnável! Esta é aceita por Deus. “Completo nEle”, embora necessitando humilhar-nos cada dia devido às faltas de nossa conduta. Não é minha santificação prática que me dá o direito entre os santos na luz.

É o fato glorioso que Cristo morreu e me redimiou para Deus. Seu sangue me limpou de todos e de cada um de meus pecados e agora tenho vida nEle, uma vida nova, à qual não pode vincular-se jamais culpa alguma.

Estou nAquele que é verdadeiro. Ele é minha santificação e me representa perante Deus, tal como, na antiguidade, o sumo sacerdote tinha escritas sobre sua mitra as palavras: “Santidade ao Senhor” e sobre seus ombros e seu coração estavam os nomes das tribos de Israel. Ele as representava no lugar santo. Ele era, tipicamente, a sua santificação. Se ele era aceito por Deus, o eram todos. O povo era visto no sumo sacerdote. E de nosso Sumo Sacerdote eterno podemos muito bem cantar:

*“Por nós, Ele leva a mitra
Onde brilha a santidade;
Por nós, Seu vestido é mais branco
Que do céu a imaculada claridade”.*

Nenhum crente ensinado pelo Espírito pode negar por um único momento que deve existir uma vida de correspondente devoção e separação para Deus.

.oOo.